

1/1

BR 3300010

E15/B/M/V

HOLYOAKE, G.J.

OS 28 TECELOES DE ROCHDALE. (HISTORIA DOS P  
ROBOS PIONEIROS DE ROCHADALE) [COOPERATIVA;  
INGLATERRA]

RIO DE JANEIRO; GB (BRAZIL)

1933 124 P. (PT)

/G845

MICROECONOMIA; COOPERATIVA; INGLATERRA

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

## EXTRACTO DO CATALOGO DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES

- Biblia da Saude** (Hygiene para todos), pelo Dr. Renato Kehl. Valiosissimo repositior de ensinamentos uteis para a defesa e restauração da saude para o melhoramento e prolongamento da vida. Leitura ao alcance de todos. 1 vol in-8.º com 482 pags. broch 128000; enc.....16\$000
- Seculo da Raça** (Preceitos hygienicos e Eugenia) pelo Dr. Casiro Barretto 1 vol. in-16 com 310 pags. Broch. 5\$000; enc. ....7\$000
- Os Parasitas** vegetaes e animaes que se implantam em nosso corpo e os males que nos causam; meios de os evitar Pelo Dr. Sebastião Barroso. 1 vol. illustrado com 133 gravuras, broch. 7\$000; enc. ....9\$000
- Historia Natural Popular.** Descripção circumstanciada dos tres reinos da natureza, pelo Dr. J. Ph. Anstett. 2 grossos volumes com mais de 1200 pags. ornados de 54 taboas coloridas contendo 551 figuras lithographadas, alem de muitas outras intercaladas no texto; encadernados..... 39\$000

REMETTEMOS NOSSO CATALOGO GRATIS, A QUEM O PEDIR

**COOPERATIVISMO**  
**G. J. HOLYOAKE**

# **OS 28 TECELÕES**

**DE**

## **ROCHDALE**

(Historia dos Probos Pioneiros de Rochdale)

**TRAD. POR**

**ARCHIMEDES TABORDA**

**LIVRARIA FRANCISCO ALVES**

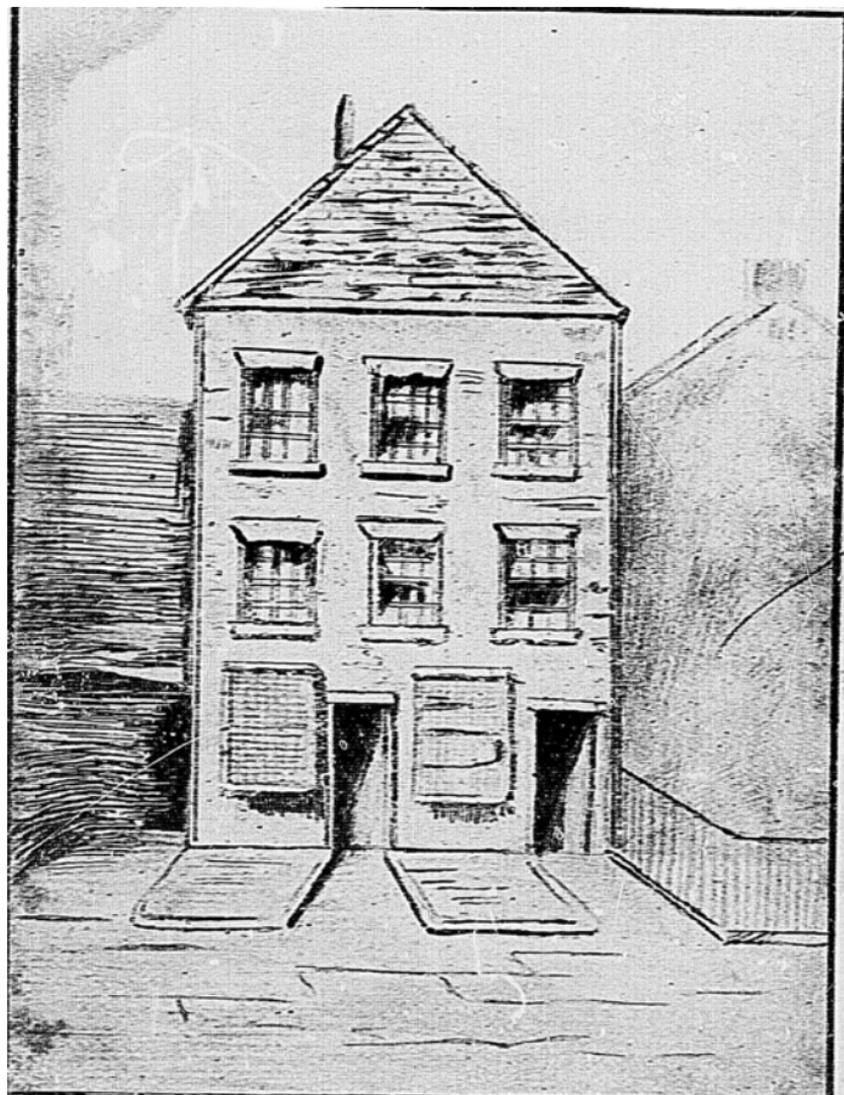
**166, RUA DO OUVIDOR, 166 – RIODE JANEIRO**

**S. PAULO**  
**Badaró**

**BELLO HORIZONTE**  
**Rua da Bahía, 1 0 5 2**

1933

# **OS 28 TECELOES DE ROCHDALE**



O armazem de Toad Lane, onde se fundou a Cooperativa

**COOPERATIVISMO**  
**G. J. HOLYOAKE**

# **OS 28 TECELÕES**

**DE**

# **ROCHDALE**

(Historia dos Probos Pioneiros de Rochdale)

**TRAD. POR**

**ARCHIMEDES TABORDA**

**LIVRARIA FRANCISCO ALVES**

**166, RUA DO OUVIDOR, 166 – RIODE JANEIRO**

**S. PAULO**  
**49 –A. Rua Líbero Badaró**

**BELLO HORIZONTE**  
**Rua da Bahía, 1 0 5 2**

1933

N.º 1027

MA/PROJ. FIELD/FAO/ERRA/72/020/01/72	
SINDA	
N.T	6439
R.P.	Nº

## PREFACIO

Os 28 tecelões de Rochdale!

Não ha livro, não ha folheto, não ha artigo de fundo, nem conferencia sobre o cooperativismo em que os “28 tecelões de Rochdale” deixem de aparecer.

A's vezes (tão comum é falar ou escrever sem conhecer o assumpto), o orador ou jornalista, propagandista eventual do cooperativismo, sabe, apenas, que Rochdale fica na Inglaterra, que em Rochdale se fundou urna cooperativa, que essa cooperativa se tornou celebre e que os “28 tecelões” que a fundaram hão de viver eternamente na historia do cooperativismo.

Os 28 tecelões de Rochdale" são a bandeira de côres mais vivas da propaganda cooperativista.

Comprehende-se pelo reduzido do grupo e pela modestia da sua condição social, – operarios – que a historia desses “28 tecelões” deve encerrar muita coisa maravilhosa para que elles ve-

nham sendo, desde 1844, citados como um symbolo da cooperação.

E a curiosidade de todos aquelles que se interessam, levemente que seja, pelo cooperativismo, desperta logo, ante a insistencia com que se fala, em discursos, em livros, em artigos de fundo, nos “28 tecelões de Rochdale”.

Confesso que, desde que comecei a soletrar as primeiras letras da cartilha do cooperativismo, uma das coisas que mais me attrahiram a attenção foi esse punhado de operarios que encontrava em todas as paginas lidas e em todos os discursos ouvidos.

Quem eram? que tinham feito? porque essa celebridade tão grande?

Pouco a pouco fui colhendo, aqui e acolá, retalhos de informações. Soube que as maiores cooperativas do mundo, as Wholesales da Inglaterra, da Escocia e da Irlanda, são obra dos “28 tecelões”.

Então, procurei saber alguma coisa sobre as Wholesales.

O meu collega de repartição dr. Saturnino Britto deu-me um folheto italiano contendo photographias das succursaes da formidavel instituição. Armazens immensos, em Manchester; palacios

de seguros cooperativos, arranha-céus com depósitos de mercadorias em Newcastle, em Londres, em Bristol, em Cardiff; fabricas monumentaes em Cruimpsall em Batley, em Dunston; navios transatlanticos, navegando sob a bandeira victoriosa da C. W S.

Encontro, por acaso, uma revista ingleza com uma pagina inteira occupada pelo annuncio da cooperativa gigante. A figura mascula de um operario, blusa aberta ao peito, musculos retezos, maneja a roda do leme da Industria. Poucas palavras. Mais algarismos do que palavras.

E que algarismos!

O total das operações da cooperativa, desde a sua fundação, attinge a 1.500.000.000 de libras esterlinas!

É preciso pensar um pouco no que representa essa somma. Um billião e quinhentos milhões de libras estrelinas!

Setenta e cinco milhões de contos de reis, calculada a libra a 50\$000.

Reflecta-se um pouco sobre isso que ahi está. Não são setenta e cinco mil contos, – são setenta e cinco *milhões* de contos de reis.

Para que se faça uma ideia de como é formidavel esse movimento, basta que se faça o calculo seguinte: A cooperativa tem 70 annos de funciona-

mento, ou sejam 26.550 dias. Dividindo a somma total do movimento de suas operações por esse numero, temos uma média de *quasi tres mil contos de reis...* por dia!

Aquella, era a obra dos "28 tecelões de Rochdale".

Mais curioso do que nunca, fiz questão de saber minuciosamente alguma coisa dos primeiros passos da primeira cooperativa, da instituição berço, daquelle humilde armazem que abriu as portas na Rua do Sapo, ao som das vaias da garotada.

Apanhava fragmentos da sua historia, ora num livro, ora noutro.

Até que, um dia graças ao dr. Fabio Luz filho, tive sob os olhos o magnifico "Tratado de cooperacion", do grande mestre dr. Domingo Borea.

O livro do eminente orientador da cooperação na Argentina é, incontestavelmente, um dos mais completos tratados que se têm publicado. Mas confesso que era tão ardente o meu desejo de saber, em detalhes, a historia dos rochdaleanos, que senti uma alegria indescriptivel quando deparei, no fim da obra, com urna bella versão hespanhola da "Historia dos Pobres Pioneiros de Rochdale", de Holyoake.

Holyoake foi contemporaneo dos "28 tecelões", conheceu-os, privou com elles, a tal ponto que,

como elle mesmo o diz neste livro, foi um dos oradores, na festa de inauguração do novo armazem, em 1867.

Ler a narração minuciosa que elle escreveu, trinta annos depois da fundação da cooperativa é ter a impressão de transportar-se áquella epocha, de viver com os celebres “28 tecelões de Rochdale” os dias de trabalho, de abnegação, de heroismo que foram a pedra basica do cooperativismo universal.

Si a obra dos rochdaleanos, conhecidas as proporções a que attingiu o desenvolvimento das suas cooperativas, me assombrara, a vida dos “Pioneiros”, pela grandeza maravilhosa dos seus sacrificios, pela sua dedicação, energia e tenacidade postas ao serviço da mais bella de todas as causas, obrigou-me a reconhecer que os homens que fundaram a Wholesale, por mais formidavel que ella seja, eram ainda maiores do que ella.

Difficil de encontrar o original inglez de Holyoake, o proprio dr. Borea o diz.

Por isso e certo de que o grande cooperativista não se negaria a concorrer para a divulgação deste livro entre os brasileiros que se interessam pela cooperação, escrevi-lhe pedindo licença para traduzir a sua versão hespanhola

E, graças á gentileza do dr. Domingo Borea, aqui está o livro de Holyoake.

Não é somente a mais bella apologia do cooperativismo. E' alguma coisa mais.

Rochdale foi o "berço", o livro de Holyoake é a "Biblia", do cooperativismo.

Rio, Setembro de 1932.

ARCHIMEDES TABORDA

## CAPITULO PRIMEIRO

### **Origem e fins da Sociedade**

No fim do anno de 1843 a industria da flannella estava em plena prosperidade e proporcionava muito trabalho ás mais importantes fabricas de Rochdale districto de Lancashire, na Inglaterra.

Durante esse feliz periodo, os tecelões, que eram e ainda são uma classe de operarios mal remunerados, pretenderam obter um augmento de salario. Era evidente que nenhuma occasião mais opportuna para os patrões concederem um augmento.

Todos os industriaes, porém, quem foi formulado o pedido, se manifestaram pessoalmente dispostos a satisfaze-lo, desde que os demais fabricantes procedessem da mesma forma.

Mas, como obter a conformidade dos demais patrões e garantir a cada um a adhesão geral? O

assumpto, muito facil em theoria, tornava-se, na pratica, de difficil soluçãõ. Nem sempre os patrões sãõ cortezes e os operarios frequentemente, sãõ inhabeis diplomatas.

Os tecelões não tinham o habito de tratar por escrito com os seus superiores; uma entrevista constitue quasi sempre o expediente adoptado para a lucta, entrevista que os operarios impõem e que os patrões supportam.

Geralmente os industriaes não encaram com muita sympathia essa especie de delegações, pois que, assim como uma fallencia pode deixar na miseria muitos operarios tambem um augmento de salarios em certas occasiões, pode produzir a ruina de um industrial. Apezar disso, no intuito de facilitar a soluçãõ do assumpto e com uma generosidade que os *Probos Pioneiros* sempre recordam agradecidos, duas fabricas concederam aos seus operarios um augmento, mas sob a condiçãõ de que esse augmento ficaria sem effeito, si a maioria dos patrões não concordasse em fazer outro tanto.

Numa assembleia, convocada para tratar a respeito, decidiu-se no mear uma commissãõ para entrevistar-se com os industriaes.

Quem iria? Apenas foi formulada essa pergunta, os oradores mais enthusiasmos acharam prudente guardar um silencio escrupuloso. Deixa-

ram de ouvir-se os gritos: “Não nos submettemos”. “Hão de ver quem somos nós!”, etc. Cinco minutos antes, todos queriam fazer parte da comissão, — agora permaneciam todos calados; como os ratos da velha fabula, que concordavam com a necessidade de pendurar um guiso ao pescoço do gato, sem que nenhum quizesse encarregar-se de missão tão difficil, os ratos da assembleia reconheciam unanimamente que a tarefa era bastante embaraçosa.

O leitor terá assistido, certamente, a alguma reunião popular em que se fala de politica, no momento em que a discussão interessa á maioria de um partido. Quantos desafios, quantas provocações! E que ardor para combater! Todos esses patriotas tomam a attitude de arregaçar as mangas para entrar em lucta. Ao vel-os, sentimo-nos tentados a crer que o paiz será salvo por elles naquella mesma noite. Mas repentinamente alguém dotado de sentido pratico e familiarizado com esses phenomenos populares, faz ver que a salvação do paiz está subordinada a uma pequena questão de dinheiro e propõe que se faça correr uma lista de subscrição. Uma brusca irrupção da policia ou uma descarga de fuzilaria não poderiam produzir um silencio immediato tão solemne como essa simples indicação feita durante a discussão. Algo

semelhante succedeu quando, na reunião dos nossos operarios se perguntou: Quem fará parte da comissão?

Admittindo que os operarios designados não perdessem immediatamente o emprego, não resta duvida, entretanto, que o seu futuro não deixaria de soffrer alguma coisa. O primeiro erro em que incorressem, mesmo uma simples negligencia no trabalho, seria pretexto sufficiente para que os despedissem. Os patrões procederiam como o arcebispo do “Gil Braz” que despede quem lhe faz uma observação, não pela sua franqueza, visto que monsenhor aprecia altamente essa qualidade, mas porque prefere ter ao seu serviço pessoa mais ajuisada.

Depois de muitas dificuldades a cominissão foi designada. Alguns industriaes preferiram fechar suas fabricas a ceder.

Essa resisteneia prejudicou os operarios, porque é impossível lutar contra o capital sem o concurso do capital. Sem este alliado, resta unicamente a perspectiva de torturar o cerebro para encontrar expedientes que, aliás, produzem resultados sem importancia

Nesta situação, nossos tecelões não foram ponderados e deixaram-se arrastar pelo primeiro impulso. De facto, não é mais simples alimentar o odio do que raciocinar? Aquelles homens procede-

ram, pois, como lhes pareceu mais conveniente e resolveram optar pelas represalias.

Os que quizeram trabalhar nas condições anteriores foram vencidos pela maioria, que preferiu a greve. Um ou outro espirito reflectido e sensato tinha defendido a prudencia, mas na classe trabalhadora se encontra sempre uma maioria decidida a considerar trahidor aquelle que vota pela moderação.

Os tecelões deixaram escapar uma magnifica occasião de augmentar os seus salarios e si os patrões conseguiram vencer, não foi por terem o direito ao seu lado, mas porque os seus adversarios foram demasiado violentos.

Alguns lembraram-se, então, das ideias de Roberto Owen. Os socialistas tinham prestado o grande serviço de ensinar os operarios a raciocinar sobre a sua situação. Tiveram o merito de fazer comprehender que tanto os patrões como os operarios são escravos da organização commercial e industrial existente, de tal maneira que, si os operarios de hoje chegassem a ser patrões amanhã, procederiam da mesma maneira que os industriaes, de quem hoje se queixam. Portanto, o que se deve reformar é o conjuncto do ambiente social.

Os tecelões de Rochdale, não tendo podido obter o que desejavam e que consideravam justo,

resolveram conseguir o seu proposito de outra maneira.

Num desses dias humidos, escuros e tristes de Novembro, quando os dias são curtos e o sol, vem-cido pelo desalento e pelo desgosto, parece que não quer mais brilhar, alguns daquelles pobres tecelões, sem trabalho, quasi sem pão e isolados completamente no sentido social, uniram-se com o fim de estudar o que mais conviria para melhorar a sua situação.

Os industriaes tem o capital e os commerciantes têm as provisões. Que podiam fazer os operarios, privados destes dois recursos e faltos, quasi por completo, de tudo? Deviam pedir a protecção da lei dos indigentes? Isso significaria a perda da sua independencia. Deviam emigrar? a immigração lhes parecia uma condemnação por delicto de pobreza. Que fazer, pois?

Depois de muito reflectir, decidiram começar a expensas-suas a lucta pela vida. Considerando-se commerciantes, industriaes e capitalistas sem dinheiro, prepararam-se para crear os seus propios meios de acção e para conseguir, mediante o auxilio mutuo (*self-help*), tudo o que lhes faltava.

Fez-se circular uma lista de subscrição. *The Stock Exchange* (a Bolsa) não teria tido muita confiança no exito. Doze desses capitalistas liliputenses se obrigaram a desembolsar uma quota de

dois pence por semana (1), somma que estes rot-schilds caricaturaes não sabiam como iriam pagar.

Depois de vinte e duas cobranças nossos prodigiosos accionistas não tinham em caixa dinheiro sufficiente para comprar um sacco de farinha; os socios eram tão poucos e reconheciam a necessidade de um periodo tão longo para realizar seus projectos, que o *comité* promotor começou a experimentar um grande desanimo. Por outro lado, como os recursos, mesmo diminutos, são preciosos para quem nada possui, alguns socios propuzeram que se devolvesse aos subscriptores o pequeno peculio reunido

Sob tão tristes auspicios teve inicio a discussão num meio dia de sabbado. Os membros do *comité* expuzeram suas duvidas, seus receios e se propoz formalmente a seguinte questão:

*“Quaes são os meios mais efficazes para melhorar a situação do povo?”*

Seria demasiado longo o registo da inextricavel discussão que houve.

Como nas mais famosas assembleias, cada orador tinha um específico infallível para regenerar o genero humano.

Os *Teetotallers*, membros da Sociedade de temperança, argumentavam que o melhor era abster-

---

(1) Valia o penny, então 37 réis (ao cambio par de 27 do N. do T.

se em absoluto das bebidas alcoolicas e destinar os salarios exclusivamente para augmentar o bem estar da propria familia. A proposta tinha um aspecto bom, mas aparentemente implicava estes conceitos: no mundo industrial actual, tudo marcha muito bem; o operario, para ser rico, basta ser sobrio; o trabalho é remunerado como deve e os industriaes cuidam já bastante dos interesses dos seus operarios. Todas essas affirmações eram destruidas pelos factos, infelizmente, e a proposta dos *Teetotallers* não foi tomada em consideração.

Então os artistas pleitearam calorosamente a adhesão ao movimento politico em pról da *Carta do Povo* que, segundo a sua opinião, era o unico caminho salvador. Uma vez obtido o suffragio universal, ao que diziam, o povo faria, por suas proprias mãos, as leis e eliniinaria tudo quanto lhe pudesse ser prejudicial. Esta proposta significava que qualquer outro esforço devia ser abandonado e que a felicidade do povo podia ser votada ao seu bel prazer. Mas o progresso social não é uma invenção da Camara dos Commuas e a *Carta* do Parlamento não pode decretar a abolição dos males que affligem a sociedade, nem a felicidade do genero humano.

A agitação pró suffragio universal era sympathica, para o *comité* promotor e talvez se tivesse optado por ella, si os socialistas presentes não tivessem feito notar que o dia da redempção estaria

ainda muito longe, si tivesse de esperar pela *Carta do Povo*. Os socialistas propuzeram, pois, que os tecelões se unissem, numa acção conjuncta, e lachassem mão dos meios que estavam ao seu alcance para melhorar a sua situação, sem deixar de ser, por isso, Cartistas ou *Teelotallers*.

Este ultimo criterio prevaleceu.

James Daty, Charles Howarth, James Smithies, John Hill e John Bent foram os principaes advogados do cooperativismo nessa discussão. Realizaram-se secretamente outras reuniões e terminou-se um *projecto para abrir um armazem cooperativo de consumo*.

Nossos tecelões, cujo numero era de vinte e oito, numero que chegou á celebridade no armazem de Rochdale, estabeleceram as bases da Sociedade. Um dos principios fundamentaes que resolveram adoptar para os seus negocios, foi o de realizal-os a dinheiro. Bem se pode observar que a accumulção de dois pence por semana não os collocava em situação de poder outorgar muitos ditos; foram. porém principalmente, considerações de ordem moral as que determinaram semelhante resolução.

O facto de *considerar o credito como um mal social*, como uma má consequencia da competencia de interesses, constituia um dos principios da sua educação socialista. Eram de opinião que a suppressão do credito teria tornado mais

simples e mais honestas as transacções commerciaes e declararam-se, portanto, unanimes partidarios da *venda e compra a dinheiro*. E nunca se desviaram dessa norma de conducta.

Decalcaram de uma instituição communista de Manchester, – a “Sociedade de socorros para casos de enfermidades e funeraes” — as disposições regulamentares que se amoldavam ás suas necessidades, introduzindo as modificações e acrescimos opportunos. Em vez de procurar evitar as responsabilidades, *communistas, teetolallers, artistas e cooperadores*, deram á sua sociedade a constituição legal. A sociedade foi registada em 24 de Outubro de 1844, sob este titulo: “Rochdale Society of Equitable Pioneers”: Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (Acts. of Parliament, 10th., Geo. IV c. 56 and 4th, William IV, c. 40).

Por mais maravilhoso que seja o exito actual, o sonho dos fundadores, no começo da Sociedade, era ainda mais extraordinario. Com effeito, aspiravam a transformação do mundo.

Os fins dos *Pioneiros* estão expostos nas proposições abaixo; a estes fins adheriram os socios com unanimidade e a adhesão se confirmou em 1854 (V. “Almanaque da Sociedade”):

“A Sociedade tem por objecto realizar uma utilidade pecuniaria e malhorar as condições domesticas e sociaes de seus membros, mediante a

economia formada por acções de uma libra esterlina, para levar á pratica os seguintes projectos:

“Abrir um armazem para a venda de comestiveis, roupa, etc.

“Comprar ou construir casas para os membros que desejam ajudar-se mutuamente, com o fim de melhorar o seu proprio estado domestico e social.

“Iniciar a fabricação dois artigos que a sociedade julgar conveniente para proporcionar trabalho aos membros que não tiverem occupação ou que estiverem sujeitos a continuas reduções nos seus salarios.

“Adquirir ou arrendar campos para serem cultivados pelos membros desoccupados ou por aquelles cujo trabalho não receba a devida remuneração.

Em seguida havia um projecto que nenhuma nação tentou levar á pratica e que nenhum emthusiasta poude realizar:

“Logo que seja possivel, a Sociedade procederá organização das forças da producção, da distribuição, da educação e do seu proprio governo; ou, em outros termos, estabelecerá uma colonia indigena, na qual os interesses serão unidos e communs. A Sociedade auxiliará as demais sociedades cooperativas a fundar outras colonias semelhantes”.

Foram necessarios annos de intenso trabalho para realizar apenas uma parte desse projecto. Seguia-se uma proposição de escassa importancia, mas caracteristica:

“Com o fim de propagar a sobriedade, a Sociedade estabelecerá numa de suas casas um salão de temperança”.

Para que todos esses grandes projectos apresentassem alguma possibilidade de realização antes da abstinencia universal e da *Carta do Povo*, evidentemente se tornava necessario tornar efectiva o mais depressa possivel a subscrição semanal de dois *pence*.

Em todos os movimentos das classes operarias, a difficuldade principal é a obtenção dos meios de acção. Naquelle momento, os membros da Sociedade dos Probos Pioneiros se tinham elevado de 28 a 40; mas estavam disseminados por todos os arrabaldes da cidade e, sobretudo, pelos suburbios. O cobrador de 40 prestações tinha de caminhar pelo menos vinte milhas, de maneira que sómente um homem animado pela abnegação, verdadeiro missionario, podia tomar a seu cargo tal tarefa. Nessa situação, custaria menos, ao collector, entregar, do seu bolso, a importancia total, do que ir pedil-a na residencia de cada socio.

Entretanto, ainda mesmo sendo pesado o em-cargo, como não havia outra maneira de recolher o capital, alguns socios se offereceram como co-

bradores e cumpriram, pontual e escrupulosamente, com o seu dever. A cidade foi dividida em tres districtos e tres arrecadadores foram designados para visitar os socios, todos os domingos, em seus dornicilios. Com o fim de apres-sar a formação do capital inicial intrduziu-se uma innovação que deu muito que falar. A quota de dois *pence* por semana foi elevada a tres. Parece que os cooperadores se estavam tornando muito ambiciosos!

O capital finalmente, ascendeu á enorme somma de 28 libras e, com esta somma inaugurou-se um novo mundo!

## CAPITULO SEGUNDO

### **Inauguração do armazem Cooperativo**

Em 1844, “Toad Lane” (Travessa do Sapo) estava longe de ser uma rua attrahente de Rochdale; seu nome lhe assentava bem. O primeiro andar de uma casa de negocio de “Toad Lane” foi o local escolhido para installar o armazem social.

Os armazens do condado de Lancaster não tinham, então, a importancia de hoje. O andar de que falamos fora arrendado pelo periodo de tres annos, á razão de 10 libras esterlinas por anno.

Um dos socios, William Cooper, foi nomeado caixa e, na verdade, sua tarefa não foi muito pesada, no começo; outro socio, Samuel Ashworth, ascendeu á dignidade de vendedor. As mercadorias consistiam em quantidade infinitesimae de manteiga, assucar, farinha de trigo e de aveia.

Numa tarde triste de inverno, a mais longa do anno, A 21 DE Dezembro DE 1844, os probos pioneiros inauguraram as suas operações. Os que

conhecem a opulencia actual e recordam aquelles começos, sorriem, pensando naquella inauguração extraordinaria.

Corria a noticia, entre os commerciantes, de que alguém ia fazer-lhes competencia e mais de um olhar se dirigia para “Toad Lane”, á procura do inimigo; mas, como nalguns combates de que se tem sciencia apenas pela sua fama historica, os inimigos não appareciam.

Alguns cooperadores se tinham reunido clandestinamente para assistir á inauguração dos negocios e estavam no recinto triste e incommodo do armazem, como conspiradores nos subterraneos do Parlamento, perguntando-se a si mesmos quem seria bastante temerario para abrir os postigos e iniciar a distribuição das mercadorias. Um, preferia que não o encarregassem de abrir o negocio; outro, não desejava ser visto no armazem; mas as coisas tinham chegado a tal ponto que se tornava impossivel retroceder. Por fim, um delles mais audaz do que os outros, sem preoccupar-se com a opinião de ninguem, abriu a porta do armazem e em poucos segundos poz em reboição “Toad Lane” inteira.

O condado de Lancaster, como toda e qualquer outra região, tem os seus garotos. Todas as cidades têm, com effeito, esses seres caracteristicos dotados de uma extraordinaria e precoce habilidade para fazer resaltar o aspecto ridiculo de

determinadas manifestações Os “doffers” são os garotos de Rochdale. Chamam-se “doffers” os rapazes de 10 a 15 annos encarregados de retirar os carreteis dos fusos. São tão necessarios na fiação como o vapor na machina; sem elles, os operarios não poderiam trabalhar.

Na noite em que se abriu o armazem cooperativo. os “doffers” acudiram numerosos a Toad Lane; estavam emboscados, com uma impertinencia ridicula, em todos os pontos da travessa e se reuniram deante da porta do novo negocio, falando e chalaceando, com persistente insolencia, sobre a exiguidade das provisões de manteiga e farinha. Por ultimo, romperam, em côro: “Os velhos tecelões abriram seu negocio!”

Daquelle dia em deante, tres gerações de “doffers” têm comprado manteiga e mel no “armazem dos velhos tecelões” e têm comprado, tambem, pratos abundantes, esquisitos e hygienicos, e vestidos que jamais teriam podido adquirir, sem a temeridade previsora dos “pobres tecelões”.

Mas nossos embryonarios commerciantes bem depressa comprehenderam que teriam de lutar contra obstaculos mais serios do que as caçoadas dos garotos de Rochdale.

O exiguo capital social os obrigava a fazer aquisições em pequenas quantidades, com prejuizo do preço e da qualidade das mercadorias. Alguns socios estavam endividados com os seus

antigos fornecedores e não podiam, pois, nem se atreviam a comprar no armazem social. Por outro lado, como acontece quando se iniciam novas instituições, varios socios não tinham nem a prudencia nem a virtude de comprehender o seu interesse e não podiam aperceber-se de que *para serem bons cooperadores era mister que se submettessem a fazer algum sacrificio, pelo menos por algum tempo.*

Naturalmente, a qualidade dos artigos vendidos no armazem cooperativo era inferior, ás vezes, á qualidade dos productos offerecidos por outros armazens e até o preço era, frequentemente, mais alto; esses inconvenientes, momentaneos e insignificantes em relação aos fins que se pretendiam attingir, afastavam os compradores que unicamente se preocupavam com a utilidade directa e immediata.

Não raro, a pobreza é o maior obstaculo oposto ao exito das emprezas, obstaculo mais forte do que os proprios preconceitos sociaes. Para aquelle que não dispõe de recursos é mister que cada penny se inverta utilmente e produza o maximo possivel. Torna-se, portanto, difficil convencer aquelles indigentes de que, comprando no armazem cooperativo, teriam um “retorno”, ao terminar o trimestre; elles nem sequer acreditavam na terminação do trimestre e desconfiavam das promessas de beneficios. A perda de um penny, hoje, está proxima; o ganho de seis pence,

daqui ha tres mezes, esta longe - É necessario, antes de prestar-lhe serviços, educar a gente pobre.

A bôa qualidade, o peso justo, a medida exacta, as relações sinceras e honestas, no commercio, são fontes de satisfação que uma pessoa criteriosa preferirá sempre á economia de alguns pence realizada em detrimento das vantagens mencionadas. Para que existam vendedores honrados é mister que existam, em primeiro lugar, compradores honrados. Nosso pequeno armazem se preocupava mais, em melhorar o aspecto moral do commercio do que realizar grandes lucros. Sob esse ponto de vista, a cooperação elevou muito o nivel moral dos seus adherentes.

Os primeiros membros da Sociedade de Rochdale eram cooperadores sinceros; compravam no armazem todos os artigos de que as suas familias precisavam, sem preocupar-se si o negocio estava perto ou distante, si os preços eram altos ou commodos si a qualidade era boa ou má. Aquelles homens eram crentes convictos e suas esposas, não menos entusiastas, eram animadas pela mesma fé. As mulheres se orgulhavam de pagar as mercadorias a dinheiro á vista sentiam que o armazem era de sua propriedade e experimentavam por elle vivo interesse.

A adhesão da mulher ao movimento cooperativista tem enorme importancia, pois que, si a mulher não se associa com amor a um movimento

semelhante, o exito tem de ser muito limitado. Si, ao contrario, a dona de casa consente em sup-  
portar algum aborrecimento, a comprar, ás vezes,  
com certo sacrificio artigos que não satisfazem  
completamente o seu gosto; si está disposta a fazer  
suas compras um pouco mais longe do que seria de  
desejar; si, uma ou outra vez, se submete a pagar  
um pouco mais caro do que no armazem ordina-  
rio, o progresso de armazem cooperativo está  
garantido

Os socios fieis aos seus deveres estavam, na-  
turalmente ansiosos por verem os demais proce-  
derem da mesma forma; não contentes com essa  
aspiração, tinham pretendido, ainda, obrigar todos  
os cooperadores a comprar no armazem social.

James Daly, secretario, propoz que se devol-  
vesse o capital aos socios que effectuavam suas  
compras fora do armazem cooperativo. Charles  
Howarth voltou contra essa proposta, conside-  
rando-a contraria á liberdade individual. Decla-  
rou que desejava o progresso da cooperação e  
estava disposto a fazer tudo quanto pudesse pelo  
seu desenvolvimento, mas preferia renunciar a  
todas as suas vantagens, si, para conseguil-as,  
se tivesse de attentar contra o principio da  
liberdade.

Ver-se-á, no decorrer desta historia, que, entre  
estes fieis cooperadores, o amor aos principios  
sempre prevaleceu.

A moção de James Daly foi recusada

Em março de 1845 decidiu-se que, para o trimestre seguinte, a Sociedade tiraria, em nome de Carlos Howarth, licença para a venda de chá e fumo. Isso representava, naturalmente, um novo pedido de fundos, pois, apesar do aumento de socios, o capital não era sufficiente para realizar a deliberação tomada. Em assembleia geral, o Conselho expoz as suas intenções.

Então, pela segunda vez na historia de Rochdale, revelaram-se os socios que *possuiam alguma coisa mais do que dois pence*. Um socio prometeu “arranjar” meia corôa. “Prometteu arranjar”, foram as palavras empregadas. Outro socio “prometteu arranjar” cinco *shillings* e um terceiro “prometteu arranjar” uma libra esterlina. Esta ultima noticia foi acolhida com verdadeira estupefacção e o rico e temerario “promettedor” foi cercado de profundo respeito, porquanto, aos olhos dos seus companheiros, parecia um millionario dotado da abnegação de um martyr. Passou á posteridade este prodigioso phenomeno. Chamava-se William Mallalien e começou a ser socio no dia 12 de Setembro de 1844.

Outros socios “prometteram arranjar” diversas sommas, na medida dos seus recursos. Finalmente, no dia fixado, o armazem cooperativo proporcionou, aos maridos, o consolo do cigarro; ás esposas, o do chá.

## CAPITULO TERCEIRO

### **Distribuição de lucros em proporção às compras**

Em fins de 1845 o armazem dos *Probos Pioneiros* contava oitenta socios e tinha um capital de 201E-10s-9p. O eslabecimento foi designado com o nome de “store”, isto é, armazem de provisões, em opposição ao termo “shopp”, usado para indicar, os armazens ordinarios.

O capital do “store” recebia juros de 2 1/2, que se elevaram a 4 e, em seguida, a 5 %. Pagos os juros e as despesas de administração, distribuia-se o restante dos lucros entre os consumidores, em proporção ao montante das respectivas compras. Chamamos vivamente a attenção do leitor para este sistema de distribuição de lucros. Rochdale teve o merito de demonstrar o valor do principio de distribuir os lucros em proporção ás compras e não em proporção ao capital.

Alexandre Campbell, de Glasgow, foi o primeiro que descobriu este principio, em 1822, principio que introduziu, em 1829, nos estatutos da Sociedade de Cambuslang. O principio figurava, já, no regulamento da sociedade dos moinhos de Meltham em 1827; entretanto, não teria sido levado á pratica, si Howarth não o tivesse descoberto pela segunda vez e não houvesse reconhecido, em seguida, a sua importancia, incitando seus companheiros a adoptal-o

Os descobrimentos em duplicata são bastante frequentes em literatura, na mecanica e no commercio. Os poetas e escriptores se surprehendem, muitas vezes, ao verificar que certas ideias suas. sem que elles o soubessem antecipadamente, já tinham sido expressadas por seus predecessores, Bell, na Escocia e Fulton, na América, inventaram, simultaneamente, o barco a vapor. Ninguem põe em duvida que o mesmo tenha acontecido a Howarth, quando tornou publico o principio encontrado antes por Campbell.

A Escocia não soubera tirar proveito deste principio; a bem dizer, os escocezes ignoravam, mesmo, que o principio tinha nascido entre elles e só o conheceram quando o grande exito dos Pioneiros de Rochdale deu-lhes um valor de grande descoberta.

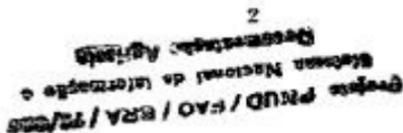
O principio de dividir os lucros entre os consumidores sem os quaes não seria possivel ne-

nhum resultado, constitue uma especie de vinculo entre o socio e o armazem; mediante esse vinculo, o comprador chega a interessar-se pelo exito da empresa. Alem disso esse principio fazia parte do programma dos cooperadores, porquanto elles se tinham proposto a dividir os lucros entre todos os que contribuisssem para produzil-os em vez de dal-os ao capital.

Carlos Howarth destacou bem essas ideias, que militavam em favor do systema por elle proposto. Surgiu, entretanto, uma discussão entre os coope- radores. Tratava-se de saber si esse systema seria superior ao que outros defendiam e que consistia em pagar ás acções 5 % de juros e vender as mer- cadorias sem lucro nenhum, isto é, ao preço do custo, com o accrescimo estrictamente necessario para as despesas de administração. As vantagens eram, pois, imediatas e se realizavam no proprio acto da compra. Aquelle, porém, o que fora pro- posto por Howarth, consistia em vender aos preços correntes do mercado, accumulando, em beneficio do comprador, os lucros resultantes de cada compra. Este ultimo systema tinha a vantagem de permitir a formação de um capital social, coisa de não pequena importancia para homens que tinham a intenção de reformar o mundo.

O primeiro teve seus adeptos, ainda que fosse considerado utopico e não tão popular como o

Os 28 Tecelões



outro. Muitos preferem comprar barato e gozar immediatamente as vantagens dos preços minimos.

Numa das suas conferencias sobre o capital e o trabalho, o sr. Holmes de Leeds conta uma anecdotia instructiva que merece ser reproduzida. Durante uma grande crise irlandeza, o sr. Foster (pae do actual deputado ao Parlamento), se transportou a Bradford. na qualidade de delegado da “Sociedade dos amigos”, com o proposito de levar soccorros ao povo. Encontrou operarios em tal estado de miseria e fome que se viam obrigados a comer hervas marinhas. O sr. Foster perguntou-lhes si não havia mais peixes no mar.

“Sim, ha, responderam-lhe, mas não podemos pescar porque não temos barcos nem redes”.

O senhor Foster deu-lhes redes e barcos, mas os operarios perguntaram em seguida: “Quem nos pagará o trabalho?”

“Os peixes que tirarem”, respondeu o sr. Foster.

Deante disso, os operarios se recuzaram a ir á pesca em taes condições e não começaram a trabalhar sinão depois que o sr. Foster lhes garantiu o pagamento dos seus salarios. Os negocios prosperaram e o sr. Foster reconheceu logo que os lucros tinham pago não sómente os barcos e as redes, como haviam produzido, além disso, uma somma regular. Offereceu, então aos pescadores, os utensilios de pesca, gratuitamente, recuzando-se

elles a acceital-os, pois aos seus olhos não havia nada mais importante do que o recebimento dos seus salarios.

Em todos os paizes os ignorantes não confiam em coisa nenhuma. Nada ha melhor, para elles, do que o dinheiro sonante. A's vezes, o espirito é tão myope como os olhos e, em tal caso, faz bôa falta um telescopio. A experiencia tem demonstrado que a cooperação é um telescopio necessario para milhares e milhares de pessôas.

O sr. William Chamonix, num discurso sobre o cooperativismo, diz esta verdade: "Sem o principio da accumulção dos lucros, a cooperação fica reduzida a algo insignificante". Os vinte e quatro annos de existencia da cooperação que precederam a inauguração do armazem de Rochdale foram dias insignificantes do cooperativismo.

---

## CAPITULO QUARTO

### **Primeiros progressos do armazem**

O numero de socios augmentou consideravelmente. A contar do dia 15 de Março de 1845, abriu-se o armazem cinco dias por semana e por um numero cada vez maior de horas. A 2 de Fevereiro de 1846, com o fim de permittir as reuniões dos socios, decidiu-se abrir o armazem ao meio dia de cada sabbado. Os negocios se tornavam mais importantes dia a dia e exigiam, da parte dos tecelões, maior attenção e vigilancia do que a que elles podiam dispende nas horas vagas do trabalho. No mez de Outubro do mesmo anno inaugurou-se a secção de carne.

Durante os annos de 1846, 1847 e 1848, os negocios foram difficeis, devido á crise; apesar disso, porém, o armazem fez continuos progressos. Bastaria esse facto para demonstrar a superioridade do principio cooperativista e a solidez dos beneficios que se podem obter com a cooperação.

Apenas a vida encareceu e os artigos augmentaram de preço, os socios acudiram ao armazem. Era evidente que a somma de 1 shilling paga para ingressar como socio e o desembolso de *tres pence* semanaes produziam taes vantagens que demonstrava muito juiso quem se fazia cooperador e socio. Deste modo se desenvolveu o habito da previdencia.

Em fins de 1847, os socios inscriptos no livro da Sociedade alcançavam a 110; o capital era de 318 £-8s.-9p. e a venda média semanal, no ultimo trimestre do anuo, tinha sido de 31 £-ls.-10p..

A cooperação vencia, lenta trabalhosamente, mas de um modo seguro, as difficuldades que se lhe oppunham. O anno de 1848 trouxe algumas calamidades publicas; entretanto, pode-se contar com um novo augmento de socios e de capital. A Sociedade passou a não cobrar mais as quotas a domicilio.

Os socios se reuniam, pelo menos uma vez por semana e nessa occasião o caixa cobrava as contribuições. Nem as revoluções externas, nem as paixões internas, nem as calamidades publicas impediram o progresso dessa sabia e pacifica experiencia .

A parte terrea do velho armazem se fizera demasiado pequena para os negocios e os nossos cooperadores alugaram, pelo praso de vinte e um annos, toda a casa em que estavam installados, a

qual tinha tres andares e o sótão. Em 1849, o segundo andar da casa era o local das reuniões dos socios, que augmentavam diariamente e promettiam augmentar sempre e cada vez mais. Essa sala estava provida de jornaes.

A 20 de Agosto daquelle anno nomeou-se uma commissão formada das seguintes pessoas: James Notall, Henry Green, Abraham Greenwod, George Adsroff, James Hill e Roberto Taylor para que organisassem uma secção de venda de jornaes e livros. Os lucros dessa secção deviam ser invertidos na compra de livros para a bibliotheca da Sociedade. No capitulo especial que trata da educação, veremos o desenvolvimento prodigioso que teve esse germen da instrucção.

Nos ultimos dias de 1849 o numero de socios attingia a 392, o capital subia a 1.326 £-17s-4p. e as vendas médias semanaes eram de 19 £.

Com quanto trabalho e á custa de que sacrificios o são principio do cooperativismo, tão moralizador para o individuo e tão vantajoso para o Estado em seus resultados, tem realizado seu progresso no mundo! Os homens de governo bem se podiam poupar ao trabalho de combater as ideias novas. A experiencia demonstra sempre que, apenas um homem apresenta uma ideia nova, immediatamente dez homens apparecem para esmagar o audaz innovador, nem sempre com a convicção de que a ideia proposta é má; mas pela

simples razão de que a ordem de coisas existente não deve ser perturbada. A propria verdade seria recuzada por esses homens, si, para admittil-a, mister se tornasse supportar alguma agitação.

A ideia cooperativista, considerada pelos estadistas como uma terrivel forma de combinações politicas, pelos ricos como um systema de espoliação, denunciada em pleno Parlamento pelos economistas politicos, tenda contra si a imprensa e a Igreja, teve que luctar e é preciso que continue luctando para penetrar no commercio e na industria.

As difficuldades dos primeiros quatro annos de exercicio da Cooperativa foram occasionados, em parte, pela pouca fé que se abrigava nos projectos formulados pela classe trabalhadora para melhorar a sua situação. As sociedades cooperativas instituidas, em outros tempos, em Rochdale, tinham fracassado e a lembrança da sua queda estava fresca na memoria de todos. Os prudentes atemorizavam-se e muitos ignoravam que essas primeiras sociedades fracassaram por ter permittido o pernicioso systema do credito. Pois bem: os Probos Pioneiros evitaram prudentemente esta causa de fracasso.

Enretanto, em Rochdale e em todo o paiz prevalecia a opinião de que o cooperativismo devia ser considerado como uma ilusão e que os pobres individuos que se tinham entregado de corpo e

alma á nova empresa não haviam de ser outra coisa sinão perigosos emissarios de alguma conspiração revolucionaria ou fanaticos destinados a arruinar-se inconscientemente demasiado ignorantes para não se aperceberem da sua loucura.

Sómente quando os beneficios da cooperação se patentearam em cada palhoça e a cidade foi testemunha do facto inaudito de se verem os tecelões, conhecidos até então como eternos endividados, andar com dinheiro no bolso, a classe operaria começou á compreliender que a ideia do cooperativismo, então combatida, era uma ideia que produzia dinheiro. Então, todos aquelles que tinham prognosticado, em alta voz, a ruina da Sociedade, quizeram convencer todo o mundo de que sempre tinham prognosticado bom exito e começaram a declarar que os cooperadores procediam sabiamente e todos deviam imital-os.

## CAPITULO QUINTO

### **Regulamento da Sociedade**

Os primeiros regulamentos da Sociedade, publicados em 1884, soffreram algumas modificações, mas sempre se respeitaram as suas regras fundamentaes.

A Sociedade é administrada por um presidente, um thesoureiro e um secretario, nomeados cada semestre. Ha, além disso, tres administradores, cinco directores e varios fiscaes. (Em lugar de tres administradores e cinco directores, os estatutos prescrevem, actualmente, oito administradores. Os “ouvidores” — conforme resolução do Parlamento em 1876 — foram substituidos por um “verificador publico”).

Todos esses funcionarios se reúnem, cada terça-feira; ás oito da noite, na sala da Comissão, no armazem da Sociedade, em “Toad Lane”, para tratar dos negocios dos socios. As assem-

bleias se realizam na primeira segunda-feira dos meses de Janeiro, Abril, Julho e Outubro.

Ante essas assembleias, os funcionarios apresentam suas contas trimestraes com a especificação do capital social e do valor das mercadorias inventariadas.

Em caso algum e sob nenhum pretexto, os funcionarios podem vender ou adquirir mercadorias sinão a dinheiro. Os funcionarios que não respeitarem estas disposições ficam obrigados a pagar uma multa de 10 shillings e são considerados indignos de desempenhar de então em deante, as funcções que lhes competiam.

A unica disposição não absoluta e que não representava nenhum sacrificio pessoal, era a instituição de uma reunião annual que terminava numa ceia, custando um shilling por socio. Esta reunião tinha por fim festejar o anniversario da inauguração do armazem,. Em 1817 a ceia foi substituida por um almoço.

Os casos sujeitos a multa estão previstos nos regulameutos de 1844.

Pelo prejuiso causado á Sociedade com a ausencia de um administrador ou de um director nas reuniões da Commissão, estabelece-se uma multa de seis pence.

A Sociedade dos Pioneiros publica annualmente um almanaque que synthetiza, de um modo curioso, seus progressos e suas vicissitudes. O

almanaque expõe as condições de admissão dos socios, a distribuição dos lucros e as medidas a adoptar-se em caso de divergencia.

*Admissão de socios.* — Cada pessoa que deseja fazer parte da sociedade apresenta um pedido com a firma de dois socios. Verificados o nome, profissão e domicilio do solicitante este, em pessoa, nas vesperas da assembleia geral, na qual se trará da sua admissão, é admittido na sala da reunião. Alli, reaffirma o seu proposito de adquirir cinco acções de 1 *libra* cada uma e de respeitar os regulamentos da Sociedade. Em seguida, faz um deposito de 1 *shilling* e compra um exemplar dos estatutos.

A assembleia geral se pronuncia, depois, por maioria, sobre a admissão ou recusa do pedido.

O candidato admittido que dentro do praso de dois mezes não se apresentar á administração, perde o direito de fazer parte da Sociedade.

Mais tarde poderá rehver esse direito, mediante a apresentação de novo pedido.

Cada socio é obrigado a pagar pelo menos tres pence semanaes ou 39 *pence* por trimestre, até possuir cinco acções integralizadas

Os socios que accusarem negligencia em fazer o devido desembolso ao terminar cada periodo, por outras causas que não sejam doença, desgraça ou falta de trabalho, ficam sujeitos a uma multa de *tres pence*.

Os lucros correspondentes aos socios ficam re-tidos até que possuam cinco acções integralizadas.

Das acções possuidas por cada socio, duas constituem capital fixo e permanente; as outras tres podem ser retiradas, mediante autorização da administração.

Os reembolsos superiores a cinco acções (5 libras esterlinas) fazem-se da seguinte maneira:

“Por uma libra e cinco shillings, dirigindo-se ao escriptorio da Sociedade; de uma libra e cinco shillings a 2 libras, duas semanas depois do pedido; de somma mais elevada, depois de um praso maior; de 40 a 45 libras, 2 mezes depois do pedido.

Nenhum socio pode possuir menos de cinco nem mais de 149 acções (5 a 149 libras).

*Distribuição dos lucros.* — A divisão dos lucros se effectua trimestralmente, depois de ter descontado: 1.º — as despesas de administração; 2.º — os juros correspondentes ás obrigações; 3.º — a percentagem de depreciação das mercadorias inventariadas; 4.º — os juros do capital social; 5.º — a quota de reserva para o augmento de capital destinado á extensão das operações.

Dois e meio por cento do que fica depois dos descontos acima, devem empregar-se em fins de educação geral. Este ultimo desconto constitue um dos traços mais característicos do serio proposito dos cooperadores de se occuparem do seu proprio aperfeiçoamento moral e inteilectual. Estes dois e

meio por cento, retirados trimestralmente dos lucros a repartir-se entre os socios, juntos ás multas cobradas por infracção ás regras sociaes, constituem o fundo especial da educação para o desenvolvimento intellectual dos membros da Sociedade, para o sustento e fomento da bibliotheca e para qualquer outro fim que se considerar conveniente.

O restante dos lucros se divide entre os socios, em proporção ao montante das suas compras durante o trimestre.

Desde o começo, os Pioneiros estabeleceram um “Fundo de reserva” formado pela accumulção das quotas de 1 *shilling* que os socios devem pagar ao ingressar na Sociedade, pela retenção de 1 *shilling* por acção que os socios devem deixar ao retirar as ultimas acções pelo producto de algumas multas.

Ao fundo de reserva corespondem, tambem, as economias realizadas pelas compras feitas por pessoas não associadas. O fundo se destina preferentemente a compensar a depreciação das mercadorias em deposito. Em todos os balanços trimestrais da Sociedade leva-se muita em conta a depreciação das mercadorias; o stock se considera sempre algo menos do seu valor real, de maneira a que, si a Sociedade for a fallencia, cada accionista receba sempre 25 *shillings* por acção subscripta.

Medidas de ordem. – Todas as coutroversias se resolvem: 1.º – pelos directores; 2.º – pela

assembleia geral; 3.º — pela commissão dos arbitros.

O Conselho de directores pode suspender a condição de socio a todo aquelle cuja conducta se tornar prejudicial aos interesses da Sociedade; a Assembleia geral pode decretar a sua expulsão.

As reclamações e observações referentes á qualidade e ao preço das mercadorias ou á conducta dos agentes da Sociedade, devem dirigir-se por escripto aos directores, os quaes decidirão sobre o assumpto de commum accordo.

Si o assumpto não se resolver satisfactoriamente, submeter-se-á a uma Assembleia geral, que o decidirá sem mais direito de appellação.

Como já temos dito, desde o começo estava prevista a competencia entre os Pioneiros e os commerciantes. Mas os Pioneiros procederam sempre com paciencia e lealdade, não se entregando jamais a nenhuma dessas competencias de resultado sempre desastroso tanto para vendedores como para compradores. Graças ao seu senso pratico, que não era de esperar-se em simples operarios, os Pioneiros conseguiram viver em paz com o commercio local. Os Pioneiros nunca abandonaram a sua norma de conducta, ante as variações de preços que os commerciantes frequentemente faziam experimentar as suas mercadorias

Guiavam-se pelas seguintes maximas prudentes:

“Para não nos arriscarmos, nossas vendas devem deixar lucro. A honradez commercial exige a obtenção de algum beneficio.

“Si vendessemos um determinado artigo perdendo dinheiro, ficaríamos obrigados a recobrar a perda secretamente em outros artigos. De maneira nenhuma devemos imitar os commerciantes nas competencias.

“Nossas operações se realizam em pleno dia; não pretendemos vender mais barato do que os demais; nosso unico proposito é o de vender lealmente”.

## CAPITULO SEXTO

### **Vãos conatos do espirito sectario**

Em 1850, um dos mais antigos inimigos da paz social, o espirito secretario, appareceu entre os cooperadores e começou a exercer entre elles sua influencia dissolvente. O augmento rapido do numero de socios tinha levado á sociedade um grande numero de partidarios das ideias evangelicas que demonstraram, em seguida, não se haverem educado numa escola de tolerancia. Não podiam comprehender como poderiam deixar aos seus consocios a mesma liberaade que estes lhes deixavam. Em seguida propuzeram fechar a sala de reuniões aos domingos e probibir toda a polemica e discussões religiosas.

Os audazes cooperadores liberaes, a cujo bom senso e abnegação a Sociedade devia a sua criação e o seu desenvolvimento, oppuseram-se com energia á adopção de semelhantes medidas. Appreciavam a liberdade moral acima de qualquer van-

tagem pessoal e não podiam ver sem receios e sem pesar a introducção, na sua sociedade, de uma causa de discordia fatal que tem levado á ruina muitas sociedades e tem difficultado o desenvolvimento das melhores instituições fundadas na protecção mutua.

O assumpto figurou na ordem do dia da Assembleia geral de 4 de Fevereiro de 1850.

Citamos as datas dos principaes acontecimentos que narramos, porque são grandes marcos na historia da Sociedade cooperativa de Rochdale.

Para assegurar o incremento e a prosperidade da sociedade, a assembleia tomou a seguinte deliberação:

“Cada socio tem o direito de exprimir as suas convicções e os seus sentimentos sobre qualquer assumpto, sempre que o faça com oportunidade e em termos convenientes; todos os assumptos são legitimos, quando se expõem convenientemente”.

As repetições inuteis que se encontram nessa deliberação, evidenciam bem as duvidas e os temores que perturbavam o espirito dos socios ao votal-a. Dessa tactica se depreheende que estavam empenhados em salvar o principio da liberdade.

Já em 1832, no começo do movimento cooperativista na Inglaterra, o terceiro Congresso dos Cooperadores de Londres tinha sancionado a seguinte decisão:

“Considerando que o mundo cooperativista é

formado por pessoas pertencentes a todas as seitas religiosas e a todos os partidos politicos; o Congresso decide unanimemente que a cooperação não se applica a nenhuma doutrina religiosa ou irreligiosa ou politica e que não aconselha nem as theorias de R. Owen, nem as de nenhum outro reformador".

O espirito sectario tem sido sempre o inimigo mais poderoso da união dos interesses publicos. *A cooperação não pode existir sem o esrito de tolerancia para com todas as opiniões.*

Desapparecidas essas tempestades theologicas, a Sociedade retomou o seu caminho regular para o exito. Em Abril de 1851, sete annos depois da inauguração, o armazem da Sociedade abriu, pela primeira vez, um dia inteiro . O senhor William Cooper foi designado superintendente e James Standring chefe do armazem.

Na mesma data, os socios ascenderam a 630 e o capital attingiu a somma de 13.925 libras esterlinas. De então em deante, o augmento de socios, do capital e dos lucros, sempre se verificou em taes proporções que superou toda a espectativa.

## CAPITULO SETIMO

### **Os membros da opposição**

A primeira e mais importante causa do milagre realizado pelos cooperadores de Rochdale foi o seu bom senso de permanecerem sempre unidos e de se conservarem, mesmo tendo opiniões differentes, fieis ao seu vinculo social.

Tanto nas classes operarias como em todas as classes sociaes, frequentemente se encontram individuos difficeis de contentar e que parecem nascidos sob má estrella; levam sempre comsigo a discordia, suscitam a desconfiança e provocam dissensões e hostilidades. Falam sempre em tom duro e com aspereza. Pode-se objectar que esses homens não têm culpa do que fazem, porque o fazem sem premeditação; seja como fôr, são sempre prejudiciaes e os prejuizos por eles causados não podem ser remediados.

Os órgãos vocaes desses individuos são conformados de tal maneira que nunca podem emitir.

um som harmonioso. A unica nota habitual é a que emittem quando fazem ouvir os seus gritos. Nunca manifestam cordialidade; nunca se confessam satisfeitos; pela constante agitação dos seus musculos percebe-se sempre que discordam do orador. Seus labiós conservam-se em attitude de pronunciar censuras e suas sobranceiras em arco reclamam sempre procedimento diverso daquelle que testemunham. Esses seres são uma especie de ouriço social, cujos espinhos se inteiriçam a cada momento, promptos para ferir o adversario. Nesses individuos as funcções da vida parecem invertidas.

Alguns existem que vêem tudo ás avessas; outros, parece que introduzem n'agua os objectos para vel-os melhor e imaginam, então, por uma illusão de optica, que a bengala que manejam está quebrada. Em terceiro lugar apparecem os que dão ás palavras que escutam justamente a interpretação que quem as pronuncia menos desejaria que se lhes desse. Por ultimo, ha os que, sabendo que um documento não pode consignar todos os detalhes, reparam, justamente, naquelles que, por falta de oportunidade, não foram citados e fingem não comprehender as razões que se lhes apresentam para justifical-o.

Quando taes pessoas são admittidas como membros de uma sociedade, apparentam interesse em trabalhar pelo bem estar geral; na verdade,

porém, nada mais fazem do que criticar tudo o que veem, impedindo, por outro lado, que se possam sanar os males que provocaram as suas queixas. Em lugar de procurar meios que conduzam á de-feza dos interesses sociaes, parecem sentir prazer em debilitar as forças da sociedade e em divulgar os seus defeitos entre os seus adversarios. Convertem suas divergencias com os demais socios em causa de eterno descontentamento e sua presença constitue verdadeiro tormento publico.

Quando, por infelicidade, se tem semelhantes individuos numa sociedade, para conseguir tranquillidade completa e gozar bom conceito é conveniente incluil-os entre os adversarios e não entre os amigos. Dizem a todo o mundo que a empresa não nasceu forte e fazem todo o possivel para que isso se confirme. Timbram em tirar proveito da sua previsor a perfidia e ainda pretendem que lhes sejam reconhecidos pela assistencia que prodigalizaram, tolhendo a accção dos seus consocios. Estes homens pensam que “cooperativismo” é uma palavra inventada para semear a irritação nos corações.

E’ certamente por isso que, em lugar de guiar os cegos, de amparar os aleijados, de dar soccorro aos fracos, de estimular os timidos e de confortar os desesperados, preferem inverter o seu tempo em jogar dardos aos debeis, em impedir a marcha dos demais, em pisar os gotosos, em referir his

torias horripilantes aos tímidos para assustal-os, em desconcertar os medrosos, gritando que tudo está perdido.

Certo numero desses individuos pode-se encontrar em todas as sociedades; são poucos, na verdade, mas indestructiveis. São os salteadores da estrada do progresso; assustam o viajante fazem-no deter-se e o despojam de todas as suas esperanças. São os Yago e os Turpins da democracia. Sómente os homens experientes ou os que os conhecem á perfeição, podem vencel-os e evital-os.

Os cooperadores de Rochdale comprehendem muito bem essa especie de individuos e, assim, puderam frequentar a sua companhia impunemente e supportar a sua presença. Os Pioneiros, não se preocupando com os seus discursos, dirigiam-lhes, opportunamente, uma palavra cor-deal ou lhes atiravam uma caçoada e, não raro, riam-se á sua custa.

Assim como Diogenes respondeu, caminhando, a Zenón, que negava o movimento, os Pioneiros, ás criticas dos adversarios, que previam continuamente a sua ruina oppuzeram tranquillamente o proprio exito, que dia a dia se patenteava mais evidente e mais importante.

Quando se quer fundar uma sociedade formada por elementos populares, é necessario que se esteja preparado para ter socios como esses

a que nos referimos. Pode-se viver com elles, desde que não nos surprehendam sem estarmos preparados. Na realidade, esses homens podem ser uteis aos Pioneiros do progresso, assemelhando-se aos “pesos mortos”, com os quaes os architectos põe á prova a solidez de uma construcção nova.

Si vimos tratando tão detidamente desses typos particulares, fizemo-lo com o fim de resaltar que a sua presença entre os Pioneiros significa que o exito dos cooperadores de Rochdale não se deveu a casualidades nem a circumstancias excepcionalmente favoraveis. Tambem os Pioneiros, como todos, tiveram de fazer frente ás difficuldades inherentes á natureza humana. Citemos dois exemplos.

Por aquelles tempos, as reuniões dos membros da Sociedade assemelhavam-se a pequenos “Parlamentos do trabalho”. Agora, não se poderia sustentar o mesmo, pois que das assembleias participa um numero de pessôas tres vezes maior do que o que constitue as Camaras dos Communs.

Todo o espirito critico proverbial dos inglezes e o seu character aggressivo, todas as rivalidades dos partidos democraticos se reproduziam nessas assembleias. Mais de uma vez, durante as discussões, o chefe da opposição se mostrava impiedoso para com os collegas da maioria. Como no Parlamento, os Pioneiros tinham seus Gladstones e Disraelis que discutiam acaloradainente o balanço trimestral.

Certo dia, Ben (Ben é o diminutivo de Benjamin), um membro da Sociedade muito conhecido pela sua tenacidade em mostrar-se sempre descontente, chegou a ser chefe da opposição. Até então não tinha nunca formulado uma reclamação; contentava-se com deixar perceber a sua desapprovação, mantendo um silencio religioso. Ninguém escapava ás suas suspeitas e cada acto lhe parecia tão grave que temia divulgar o seu pensamento. Viam-no andar ás voltas, por toda a parte, inspeccionando cada detalhe, sem confiança em ninguém. Seu descontentamento não se manifestava por palavras, mas unicamente por movimentos significativos de cabeça.

Chegou, por fim, o dia em que Ben julgou que a medida transbordava e que o Conselho de Administração devia succumbir aos ataques dos seus severos juisos. Com maior prudencia do que a que habitualmente se emprega para criticar, nosso homem sómente se animava a falar, quando julgava estar bem seguro do que ia dizer. Depois de dois annos de penosos esforços, Ben acreditou que se desvaneciam as nuvens que obscureciam o seu cerebro e que tinha chegado, finalmente, o momento de fazer ouvir a sua voz e de revelar o seu segredo.

Tal segredo constistia em reconhecer que os lucros tinham augmentado, apesar da sua constante desconfiança e que elle não podia continuar a

ter má vontade para com uma instituição que o enriquecia. Para convencer-se bem disso, dirigiu-se ao escriptorio do caixa para certificar-se das economias obtidas e pouco depois viram-no voltar com o rosto illuminado como Moysés, quando desceu do Sinai com as taboas da Lei.

Havia outro defensor do movimento democratico que se entretinha em fulminar tudo com um heroismo digno de melhor causa. Era o polo opposto de Ben, pois que atemorizava todos com suas interminaveis declamações, com seus continuos discursos e com a sua voz estentorea. O jornal "The Times" não poderia dar espaço ao longo discurso que pronunciava em cada assembleia trimestral. Si não conseguia demonstrar que tudo marchava mal, não admittia que tudo marchasse com regularidade. Convidaram-no a assistir ás sessões do Conselho de Administração e, por ultimo, foi nomeado administrador. Pensou-se, com razão, que não bastava que se arrogasse o direito de tudo controlar, mas que lhe devia caber, tambem, alguma responsabilidade.

Esse individuo irritou-se enormemente quando foi obrigado a entrar em funcções, tanto mais que o dominava o temor de convencer-se do erro em que estivera, de tal maneira que, durante as sessões do Conselho, permanecia sentado de costas para os seus collegas. Nessa attitude pouco amavel e bem incommoda, emittia a sua opinião pessoal e,

sentado assim, não podia perceber bem o que se fazia, a menos que tivesse orelhas de lebre e olhos na nuca.

Jamais se encontrou outro modelo tão perfeito de membro da oposição; era de crer que a natureza o tivesse feito propositalmente como representante do antagonismo nas discussões. Acabou por deixar-se seduzir, mas apressemo-nos a esclarecer que essa seducção foi das mais legítimas, porque foi provocada pelo bom êxito dos negócios.

Quando se distribuíram os “retornos”, voltou a cabeça para olhá-los com atenção. E apressou-se tanto a guardar no bolso o seu dinheiro, como a abandonar a sua colera. Entretanto, nunca se lhe pôde arrancar a confissão de que os negócios iam bem, apesar de que, havia já muito tempo, tivesse deixado de declarar que marchavam mal.

## CAPITULO OITAVO

### **Panico da Sociedade dos Moinhos**

Em 1850 fundou-se, em Rochdale, uma nova sociedade cooperativa á qual os Probos Pioneiros prestaram o seu concurso, em homens e em dinheiro. Esta nova cooperativa se denominou: "Sociedade do Moinho do districto de Rochdale".

Eram seus fins proporcionar, aos socios e consumidores, farinha pura de primeira qualidade, a um preço igual ao estabelecido pelo commercio local, dividindo, depois, os lucros do exercicio entre os socios, em proporção ás compras, depois de pago um juro de cinco por cento correspondente ao capital.

Os estatutos desta Sociedade, redigidos de accordo com os da Sociedade dos Pioneiros foram obra de Carlos Howarth, o mesmo que seis annos antes tinha elaborado os dos Probos Pioneiros. Carlos Howarth era um operario e, ao mesmo tempo, uma especie de piloto dos Pioneiros.

Inicialmente a Sociedade dos Pioneiros subscreveu 100 libras esterlinas em acções da nova sociedade, mas alguns mezes depois duplicou a importancia.

As 200 libras subscriptas pelos Pioneiros representavam para elles uma grande somma, si se leva em consideração que o seu armazem funcionava havia apenas seis annos.

Cada acção de cinco libras dava direito a ter um representante na, Sociedade do Moinho e os Pioneiros de Rochdale subscreveram suas acções em nome de alguns socios. Este exemplo foi imitado por outras sociedades. Quando foram subscriptas 1.000 libras esterlinas, a nova sociedade iniciou as suas operações num velho edificio alugado, chamado “Moinho de Holme”.

Nunca houve empresa tão difficil nem mais obstinada. A farinha não se decidia a ser de bôa qualidade, o moinho não produzia lucros e nunca se tinha podido distribuir algum beneficio. A venda da farinha não era remuneradora, por ser de qualidade inferior. A farinha não podia ser de bôa qualidade, por dois motivos: primeiro, porque o moinho não tinha a capacidade technica e commercial requerida e, segundo, porque a Sociedade, não dispendo de fortes capitaes, era obrigada a comprar o trigo a quem lhe desse credito e não a quem lhe vendesse qualidade melhor. A

Sociedade era, pois, obrigada a pagar caro trigo inferior.

Apesar das condições desfavoráveis, quando a Sociedade conseguia produzir farinha bôa, succedia que o seu aspecto afugentava os compradores. Como a Sociedade vendia farinha pura, genuina, sem mistura alguma, esta não apresentava o aspecto branco da farinha vendida pelos commerciantes da cidade. Os compradores a chamavam “farinha amarella” e a achavam má, pelo seu aspecto e pelo seu sabor. O paladar estava tão viciado pelas falsificações que foi necessario muito tempo para que os cooperadores pudessem convencer o publico que devia comprar farinha pura.

A proposito, é digna de referir-se a seguinte anecdotia:

Um cavalheiro, aborrecido por ter de tomar o café suspeito que comprava em Londres, propoz-se a offerer ao publico a satisfação de tomar uma chicara de café verdadeiro. Tomou, pois, as disposições necessarias e abriu um negocio em Lembeth, no qual sómente se vendia café legitimo.

Infelizmente, ninguem quiz tomar o seu café e foi obrigado a fechar as portas. O publico estava tão acostumado a tomar café falsificado e seu paladar estava tão habituado ás beberagens preparadas com café impuro, que não queria saber do outro e recusava a infuzão feita com bom café.

Em 1851, nossos Probos Pioneiros começaram a fazer adiantamentos ao moinho e a receber farinha em pagamento. Mas, como esta não tinha aceitação, entre os compradores, sua venda se supprimiu bem depressa no armazem. Eis ahi, um dos effeitos do egoismo que se manifesta quasi sempre em todas as experiencias humanas. Certo, não deixa de ser um sacrificio a compra de um artigo mais caro do que o que custa correntemente, mas trata-se de um sacrificio momentaneo ao qual todos os partidarios do progresso devem submeter-se.

A cessação subita da venda de farinha no armazem dos Probos Pioneiros produziu uma crise na Sociedade do Moinho. Ao terminar o terceiro trimestre de 1851, esta tinha perdido 450 libras esterlinas. Naquella epocha, quinze armazens cooperativos eram socios activos da Sociedade. A perda occasionou grande descontentamento. O director do Moinho, que tinha procedido mal, foi despedido e os administradores, tendo á frente o seu presidente, Abrahão Geenwood tiveram de ir em pessoa ao mercado, em companhia do moleiro, para conhecer os typos de trigo e fazer as compras. -

“Um meeting” tumultuoso teve lugar na sala de reuniões dos Pioneiros.

Os prophetas da desgraça, com a sua habitual

eloquencia, propuzeram a liquidação da Sociedade do Moinho.

“O mais conveniente, diziam, é desistir de apoiar o Moinho. Vendendo a farinha desse moinho, o armazem perde a sua freguezia. Portanto, será necessario que compre a farinha que faltar onde a encontrar melhor e mais barata”.

Outros, em compensação, sustentavam que, assim como tanta gente ganhava muito dinheiro na moenda, tambem os cooperadores deviam triumphar e, referindo-se ás causas da perda, juntavam que as difficuldades provinham, em muito, dos cooperadores e dos armazens cooperativos, que tinha negado o seu apoio.

Jayme Smithies sustentou energicamente que os Pioneiros estavam no dever de não abandonar o moinho. O nome, mesmo, de “Pioneiros” significava que elle teria de desaparecer, si os cooperadores não soubessem ajudar-se mutuamente. Liquidando, o moinho não produziria nem dez *shillings* por libra esterlina invertida. Era o momento em que todos os socios deviam demonstrar a sua confiança na cooperação. O appello foi bem recebido e alguns Pioneiros se apressaram a levar á Sociedade do Moinho suas economias. Abrahão Greenwood foi um dos Probos Pioneiros de Rochdale que mais se distinguiram nessa occasião, pela sua abnegação e pelo seu amor á causa da cooperação.

As discussões publicas tinham suscitado um grande receio entre os trabalhadores que haviam depositado suas economias na caixa da Sociedade dos Probos Pioneiros. Os receiosos eram em numero não pequeno, porque dois annos antes tinha quebrado a Caixa de Economias de Rochdale e os pequenos capitalistas dessa epocha sómente tinham confiança nas empresas cooperativas que, por outro lado, eram mais remuneradoras

Naquelle momento, os accionistas da Cooperativa, irritados e desviados pelos inimigos do cooperativismo, tremiam pelas suas economias. Os ultimos directores do armazem de “Toad Lane” não deitaram manifesto, limitando-se a ordenar ao caixa que reembolsasse as acções no mesmo momento em que fossem apresentados os pedidos. O primeiro accionista que se apresentou tinha em deposito de 24 libras, reunidas pela accumulção dos lucros annuaes. Tinha certa amizade aos Pioneiros, que considerava seus bemfeitores, razão pela qual apenas pediu o reembolso de 16 libras.

– Vae iniciar alguma empresa commercial? perguntou-lhe o caixa.

– Não, respondeu o accionista, mas preciso de dinheiro.

– Sabe que o regulamento exige aviso previo?

– Sei, perfeitamente e, por isso, venho dar o aviso.

– Ah, muito bem, disse o caixa. Esse aviso,

nós o exigimos quando temos pouco dinheiro disponível em caixa, mas, neste momento, podemos dispensar tal formalidade. Vou reembolsal-o imediatamente.

E o caixa entregou ao accionista as 16 libras, que este guardou vacilante e perguntando-se a si mesmo si não estava cometendo uma loucura. Dezoito mezes mais tarde voltava a entregar as suas 16 libras á Sociedade.

Depois dele, appareceu uma mulher que pediu, por sua vez, devolução de suas acções. Mas apenas o caixa lhe entregou o dinheiro, ella declarou que não lhe fazia mais falta. Mais cordata do que o primeiro solicitante, preferiu deixar seu capital em mãos seguras a retiral-o para deposital-o em um esconderijo qualquer, onde não produziria nenhum lucro.

Outra mulher, avisada por um commerciante do perigo que corria seu dinheiro, que attingia á sonuna de quarenta libras, respondeu: “Si o armazem fallir, fal-o-á com o seu dinheiro e não com dinheiro alheio; foi elle quem me deu tudo quanto está inscripto em meu nome nos sens livros”.

Nessa occasião o Banco de Rochdale, com o qual os Probos Pioneiros mantinham transacções, prestou-lhes um grande serviço, que é sempre lembrado com gratidão.

Alguns commerciantes, reunidos no local do Banco, falavam da situação do armazem coopera-

tivo que, ao que se dizia, era bastante precaria. Um dos banqueiros interveio e fez notar que a noticia não devia ter fundamento, pois que a Sociedade dos Pioneiros tinha duas mil libras depositadas no Banco havia muito tempo. Esta resposta restabeleceu a confiança em todos os arrabaldes mais importantes e, em seguida, por toda a cidade e em todo o paiz.

O sr. A. Greenwood, assumindo a direcção bastante difficil do moinho, teve de aprender a arte de comprar trigo, de moel-o e de administrar devidamente um moinho. Tinha todas essas funcções, além das que lhe correspondiam, de natureza muito differente, pelo seu trabalho em outra industria. Tudo isso lhe exigia a maior parte do seu tempo, em prejuizo da propria saude; durante muitos annos veio a soffrer por tal estado de coisas, até que venceu os obstaculos e começou, para o Moinho, a era da prosperidade. Esta prosperidade custou a Greenwood a perda da saúde; quasi se pode affirmar que sacrificou a vida em beneficio da cooperação.

A Sociedade do Moinho cada anno fazia forte amortização do custo do moinho, de sorte que, em 1860, foi este vendido por 6.000 libras, quando figurava no balanço apenas por 3.862 libras. A Sociedade para fazer frente ás suas crescentes necessidades, pelo augmento do numero de socios, viu-se obrigada a construir outro moinho. O nu-

mero de socios subia, então, a 550, compreendendo os representantes dos armazens cooperativos e os da “Sociedade de socorros mutuos em caso de enfermidade e funeraes”.

As sociedades reconheciam muitas vantagens em inverter seus fundos nas empresas cooperativas, porque nos bancos não podiam obter mais do que 2 a 3 % de juros e não podiam exercer nenhuma fiscalisação sobre o emprego de seu capital, enquanto que na cooperativa tudo se fazia absolutamente ás claras. Nas sociedades cooperativas se obtinha 5 % de juros, sabia-se em que invertiam os seus fundos e se tinha voz na direcção da Sociedade. As garantias eram, pois, mais do que satisfactorias.

Certo, ao principio, não foram pequenas as difficuldades para persuadir os membros das sociedades de previdencia de que era muito conveniente e seguro confiar seus recursos á Sociedade do Moinho e sómente quatro ou cinco annos depois que o moinho começou a funcionar foi que uma das sociedades de socorros mutuos votou a inversão de certa somma nomeou tres delegados para levar o dinheiro.

O sr. Cooper conta que esses tres delegados, quando chegaram ao *comité* de direcção do moinho, não se atreveram a confiar-lhe o dinheiro. Retiraram-se confusos, sem saber expressar as suas impressões. Quando voltaram á Sociedade,

os delegados, disseram que, tendo verificado que o comite do moinho se compunha sómente de tecelões e que entre elles não havia nenhum rico, julgaram fazer coisa acertada voltando com o dinheiro, pois não o consideravam seguro nas mãos daquelles trabalhadores.

Entretanto, aquelles medrosos tinham sido estafados por personagens notaveis, especialmente quando a caixa de economias da cidade quebrara, produzindo a consternação e a miseria de milhares de familias pobres e esses personagens se tinham valido de expedientes para arrancar-lhes dinheiro e o fazerem perder!

A Sociedade encarou o assumpto de outra forma e julgou os tecelões pelo menos tão dignos de confiança como os banqueiros. Delegou a missão a outros membros mais resolutos, a quem entregou outra somma mais vultuosa ainda.

O almanaque dos cooperadores faz a seguinte referencia á Sociedade do Moinho: “Ainda que das mais difficeis, ao começar, hoje é uma das mais fortes e seguras. 78 % das suas operações se fazem com sociedades cooperativas e a cifra dos seus negocios augmenta constantemente em proporções consideraveis”

## CAPITULO NONO

### **Aspectos moraes da cooperação**

O sentimento de abnegação pelo bem estar alheio, isto é, o sentimento da justiça e não o do egoismo dominará as relações industriaes, si se quizer que essas relações sejam ordenadas como devem. Pois bem: nossos Pioneiros são animados por este pensamento, sem ser por isso sonhadores ou idealistas.

Assim se exprime um dos chefes do movimento cooperativista, o sr. Smithies:

“A melhora das condições dos nossos socios se revela em sua roupa, em seu comportamento, na sua maneira franca de falar. Difficilmente se pode imaginar como os transforma a sua adhesão á cooperativa.

“Numerosos amigos da nossa causa pensam que damos demasiada importancia ao facto de “converter o operario em capitalista”.

“Mas a minha experiencia de dezeseis annos transcorridos entre trabalhadores me convenceu de que para levar as classes operarias a trabalhar juntas, para um fim commum, é necessario amaral-as entre si com correntes de ouro por ellas mesmas fabricadas”.

Em 1854, a Sociedade, com o proposito de trazer o publico ao corrente de todas as noticias interessantes referentes ao cooperativismo e de attrahir o concurso de todos os amigos da ideia cooperativista, tinha iniciado a publicação de um almanaque.

Por aquella epocha, o movimento dos varios armazens tinha tomado tal vulto que nenhum outro districto industrial da Inglaterra podia offerecer espectáculo equivalente ao dos armazens de Rochdale, principalmente aos sabbados, durante a noite. Aos sabbados, as vendas, geralmente, excediam de 400 libras esterlinas.

Além das compras de generos alimenticios, era notavel o movimento intellectual: mais de duzentos volumes se distribuiam cada sabbado, na secção de livros. Mas o mais notavel e o que merece mais detida attenção do leitor, era o novo espirito de sociabilidade que animava os coooperadores.

Compradores e vendedores são amigos, — não se nota fraude, de um lado, nem desconfianca, do outro. Ha um ambiente de honradez. Não se

receiam as falsificações nem os preços excessivos. Os que vendem, evitam as confusões e não usam de esperteza; ao contrario disso, sentem-se obrigados a cumprir com o seu dever, sem mentir, dão o peso justo, a medida exacta e a melhor qualidade.

Cada sabbado, “Toad Lane” offerece o espectaculo de uma animação igual á dos armazens mais famosos de Londres e observando essa animação, experimenta-se um prazer moral dez vezes maior. Esses humildes trabalhadores que até então nunca tinham conhecido a bôa alimentação, que sómente obtinham artigos falsificados, calçado roto, roupa usada; essas pobres mulheres sempre vestidas de pessimo percal; compram agora alimentos mais sãos, como si fossem millionarios, tecem seus proprios pannos, confeccionam seus vestidos e calçados, convertem seu trigo em farinha, compram o melhor assucar, o melhor chá, o melhor café. Têm um açougue cooperativo. Pelas ruas de Rochdale passam os animaes de primeira qualidade, que vão servir para o consumo dos Probos Pioneiros.

Em que epocha, em que lugar, o systema da competencia trouxe tantas vantagens aos humildes? E quem pode deixar de confessar que por effeito dessas beneficas influencias se melhora a moralidade e o character dos individuos?

Os “teetallers” de Rochdale reconhecem que

o armazem cooperativo, por si só, tem sido mais efficaz do que todos os esforços juntos, para tornar os homens mais sobrios. Paes de familia endividados, mulheres humildes que durante quarenta annos nunca puderam ser donas de uns *pence*, possuem, agora, economias sufficientes para edificar uma casinha e para fazer suas compras sempre a dinheiro. Onde existe a competencia como base do commercio, todos os pregadores são impotentes para produzir effeitos moraes iguaes aos citados.

Os documentos officiaes da Sociedade registam que em 1857 o armazem de "Toad Lane" tinha 1850 socios, dispunha de um capital de 15.141 £-12s.-9p.; tinha vendido durante o anno, a dinheiro, 79.756 £-6s.-8p. com um lucro de 5.430 £-5s.-7p..

E' interessante narrar alguns factos que se prendem á vida dos membros da cooperação. Citamol-os com o numero de ordem correspondente á inscripção de cada socio no livro da co operativa.

N.º 12: Entrou como socio em 1844. Por mais de 40 annos esteve endividado com os seus fornecedores; gastava semanalmente pouco mais de uma libra esterlina e muitas vezes o total de suas dividas attingiu a trinta libras. Desde que é membro da Sociedade dos Pioneiros tem depositado regularmente a titulo de capital, a somma de 2 £-13s.;

pela sua quota de economias sobre as compras recebeu 17 £-10s.-6p. e no fundo social dispunha de uma economia de cinco libras esterlinas. Assim, pois, esse homem passou a alimentar-se melhor e ganhou mais de vinte libras esterlinas. Si a cooperativa dos Probos Pioneiros se tivesse fundado na sua juventude, hoje teria elle economizado uma somma respeitavel.

N.º 22: Foi socio fundador. Desde vinte cinco annos antes estava amarrado aos seus fornecedores: gastava semanalmente uns *10 shillings* e sua divida oscilava constantemente entre 2 £ a 2 £-8s.. Chegando a ser socio, em 1853, tinha pago 2 £-10s. a titulo de capital; suas quotas de economia por consumo attingiam a 6 £ 17s.-4p. e no fundo social tinha uma economia de 8 libras esterlinas.

Este socio chegou á convicção de que o systema de credito o obrigava a ser imprevidente e impedia a sua familia de realizar as economias que lhe seriam permittidas, si comprasse a dinheiro. Além disso, desde o dia em que o numero 22 se inscreveu como socio, pode frequentar um sitio de reunião onde encontrava todas as noticias do dia e onde gozava todas as diversões que dantes era obrigado a procurar nas tavernas da cidade.

N.º 131: Fez-se socio em 1844. Nunca tinha conseguido saldar as suas dividas e seu nome figurou nos livros dos commerciantes durante

quinze annos, sem interrupção. Gastava semanalmente *9 shillings* e sempre ficava devendo de 1 £ a 1 £-10s. Desde que entrou para socio, viu crescer constantemente o bem estar da familia.

Está convencido de que a compra a credito foi um dos motivos principaes de sempre ter sido pobre. Si em 1847 não se encontrasse no numero dos socios, teria sido obrigado a recorrer aos visitantes dos pobres da sua parochia para obter soccorros.

Assim, os membros da Sociedade de Rochdale encontravam em seu armazem as vantagens que um doente encontra numa Sociedade de Soccorros Mutuos.

A esposa de um açougueiro, satisfeita por fazer todas as suas compras no armazem, dizia: “Em vez de ter caderno e, por conseguinte, dividas com os commerciantes, agora disponho de dinheiro no bolso e na Sociedade”.

Cita-se o caso de um socio que tem um deposito de 50 libras esterlinas; todo esse dinheiro provém da accumulção de lucros realizados por compras.

Jorge Morlon, velho de mais de 60 annos, dizia que, si o Armazem não existisse, elle não poderia continuar a viver, a menos que fosse para o asylo de indigentes. Todos os lucros que conseguira sobre suas compras no armazem, provinham do seu consumo alimenticio de 11 annos,

de 1845 a 1856. Nesse periodo, tinha recebido 77 libras de dividendos e restavam-lhe, na caixa da Sociedade, outras 11 libras (“retornos”)

Um dos aspectos moraes da cooperação que devem ser citados é o que se refere aos sacrificios intimos que os cooperadores devem impor-se, para cumprir com os seus deveres. As graves difficuldades que tiveram de ser vencidas para fundar a Sociedade do Moinho, deram oportunidade ao sr. Cooper para registrar alguns dos sacrificios diarios que os trabalhadores tinham de suportar para levar á pratica as reformas sociaes

Como verificamos, numerosos socios da cooperativa dos Probos Pioneiros pertenciam tambem, á Sociedade do Moinho. Portanto estes eram obrigados a frequentar as assembleias mensaes de cada sociedade e a tomar parte nas numerosas assembleias extraordinarias.

Naturalmente, as horas que os homens gastavam nas assembleias, sessões, inspecções do armazem, discussões vespertinas, descontavam-se dasdedicadas á familia.

A esposa tinha de ficar em casa sósinha, sem a companhia de alguém com quem trocar algumas palavras. Mais de uma vez achou que o marido se esquecia della, sentindo-se melhor na Sociedade do que em sua propria casa. Então, apenas o marido regressava, censurava-o por ter ido á reunião e repetia-lhe que teria feito melhor si não

tivesse ido e que, certamente, não o faria si tivesse mais amor á familia.

O marido respondia que voltara para casa apenas terminada a sessão e declarava que seu mais ardente desejo era o de ajudar a familia; mas nenhum argumento tinha força sufficiente para convencer a esposa de que elle procedera bem indo á sessão.

Desses pequenos incidentes não se deve inferir que as mulheres eram inimigas da cooperação. Ao contrario, como já observamos, demonstraram o mesmo interesse que os seus maridos e foi em sua adhesão que residiu a melhor causa de successo da cooperação ingleza.

O armazem de Rochdale prestou valiosos serviços á causa da independencia civil da mulher. Em Rochdale, as mulheres podem ser socias e exercer o direito do voto; muitas se associam, enquanto o marido não se quer incomodar com isso.

Outras mulheres dão sua adhesão á Sociedade para defender seus interesses e impedir que os esposos desbaratem o dinheiro que ellas economizam com o seu trabalho nas tavernas. Com effeito, o marido não pode retirar as economias inscriptas na Sociedade em nome de sua esposa, si ella não lhe der uma autorização formal.

Muitas senhoritas accumularam economias na Sociedade e assim conseguiram uma reputação de

bôas donas de casa. Os rapazes que querem escolher uma bôa companheira, consulta os livros da Sociedade para guiar-se em sua escolha!

Em 1885 teve lugar em Rochdale uma reunião dos cooperadores. Abrahão Greenwood, presidente, e Javme Smithies, secretario, publicaram a seguinte declaração de principios votados por aquella assembleia:

1°. — A sociedade humana é um corpo formado por membros que têm os mesmos interesses.

2°. — Os trabalhadores não são rivaes, mas sim companheiros de trabalho.

3°. — O mecanismo do intercambio deve ser governado pelo principio de justiça e não pelo do egoismo.

Esses tres principios evidenciam, de um modo claro, como a moralidade da cooperação é muito superior á moralidade da competencia.

## CAPITULO DECIMO

### Os celebres vinte e oito

Os primeiros vinte e oito membros da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale têm uma fama universal pela importancia da obra que realizaram e pelo progresso maravilhoso da cooperação por elles estabelecida.

Desejariamos publicar a lista completa dos nomes desses valentes campeões do progresso social; mas infelizmente não temos mais do que os vinte e seis seguintes:

Jayme Smithies, Carlos Howarth, William Cooper, David Broocks, John Collier, Samuel Asbworth, Miles Ashworth, William Mallalien, Jayme Tweedale, Jayme Daly, John Bent, John Kerhau, John Scowcroft, Jayme Maden, Jayme Standring, Jayme Manock, José Smith, William Taylor, Roberto Taylor, Benjamin Reedman, Jayme Wilkinson, John Garside, Jorge Healey, Samuel Tweedale, John Hill, John Holt.

Em 1865, vinte e um annos depois da fundação da Sociedade dos vinte e oito Pioneiros apenas existiam dezeseis. Treze tiraram uma photographia em grupo, a pedido de amigos da co-ope-ração. Os que possuirem essa preciosa photo-graphia hão de ler com interesse as seguintes noticias, que se referem a cada pessoa photo-graphada:

Nº. 1 — Jayme Standring; tecelão partidario das ideias de Roberto Owen.

Nº. 2 — John Bent, alfaiate, socialista.

Nº. 3 — Jayme Smithies; guarda-livros. Foi o primeiro secretario da Sociedade, nomeado, posteriormente, thesoureiro, director, presidente; no desempenho dos seus cargos occupou-se sempre na propagação do espirito da coope-ração e em inculcar nos socios o sentimento da justiça e da fraternidade. Foi um trabalhador infatigavel. Nos ultimos annos da sua vida foi nomeado com-selheiro municipal; o unico, dos vinte e oito, que teve cargos publicos.

Nos dias de apertos, nos começos do Armazem e da Sociedade do Moinho, mais de uma vez, depois das sessões do Conselho, altas horas da noite, ia despertar alguma pessoa que elle sabia ter algum dinheiro e, ao mesmo tempo que encarasse com sympathia a coope-ração e quando a pessoa pro-

curada, despertando bruscamente assomava a cabeça á janella para saber quem o chamava, Smithies lhe gritava: “Venho buscar o teu dinheiro, porque estamos precisando d'elle”. “Com muito prazer o dou”, respondia o outro. Então, Smithies, agradecendo, voltava para casa, muito contente por ter salvo a Sociedade, mais uma vez, de uma situação difficil.

]Com o seu enthusiasmo, fazia renascer a confiança, mesmo nos mais desanimados e com o seu constante bom humor evitava todo o motivo de aborrecimento. Em sua confiança na cooperação havia tal força communicativa que conseguia fazer antever o futuro mais prospero da Sociedade. mesmo nas situações mais graves.

N.º 4 — Carlos Howarth, tecelão, socialista, um dos primeiros directores da Sociedade. Teve muita interferencia na redacção dos estatutos e regulamentos sociaes e a elle se deve a proposta de dividir os lucros entre os compradores em proporção ás acquisições. Foi nomeado secretario varias vezes.

N.º.5— David Broocks, impressor, em politica, partidario da “Carta do Povo”; era honrado e entusiasta e não poupava tempo, fadiga, nem recursos pessoaes para contribuir para o progresso do armazem. Sua abnegação chegava ao ponto de privar-se do necessario para viver, a fim de ajudar a causa da cooperação.

N.º 6 — Benjamim Reedman, tecelão, “cartista” em politica, muito parco de palavras, mas bastante esforçado.

N.º 7 — John Scowcroft, mercieiro, sem opiniões politicas.

N.º 8 — Jayme Manok, tecelão, em politica “cartista”, serviu a Sociedade como controlador e director.

N.º 9 — John Collier, mecanico, socialista, foi varias vezes membro do *comité*; era brilhante orador.

N.º 10 — Samuel Ashworth, tecelão, “cartista”, foi o primeiro encarregado de preencher as funcções de distribuidor de mercadorias aos socios.

N.º 11 — Wililam Cooper, tecelão, socialista, foi o primeiro caixa da Sociedade. Um dos membros mais activos e diligentes e distiugniu-se pelos seus esforços incessantes com a penna e a palavra para unir e dirigir os consocios na obra emprendida. Teve o grande merito de conservar-se sempre fiel aos principios, sem preoccupar-se com as suas preferencias, nem com a sua propria pessoa e seus proprios interesses.

N.º 12 — Jayme Tweedale, mercieiro, socialista, foi um dos primeiros directores da Sociedade.

N.º 13 — José Smith, tecelão, socialista, foi um dos primeiros fiscaes das contas.

Os tres fundadores da Sociedade que ainda viviam em 1865, mas não figuraram na photographia, são:

Miles Ashworth, tecelão, em politica “cartista”, foi o primeiro presidente.

John Kershaw, armazenheiro.

Jayme Maden, membro da Sociedade de Temperança (teetotaller) sem opiniões politicas nem religiosas.

## CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

### **Interrupção na estrada do progresso. — O direito do trabalho na divisão dos lucros.**

Conforme temos dito, o exito da cooperativa de consumo começou no dia em que os Pioneiros puzeram em pratica o principio de admittir tambem os não socios a desfructar as vantagens da cooperação. Depois de ficar demonstrada a vantagem desses principios, pela experiencia, os Probos Pioneiros se propuzeram organizar, sobre as mesmas bases, tambem a producção, que até então se effectuava unicamente em beneficio dos capitalistas.

Reconhecendo que os lucros derivam, em parte do emprego do capital, e em parte da habilidade, da intelligencia, de bôa vontade e dos cuidados do trabalhador, os Pioneiros decidiram fundar industrias que admittissem o operario como associado e que este participasse dos lucros.

O publico se impressionou fundamente pela sensatez da resolução e em seguida manifestou a sua confiança em que os homens tão sagazes de Rochdale conseguiriam organizar a industria baseada nos mesmos principios de equidade que tinham applicado á cooperativa de consumo, de uma maneira tão sabia e perfeita.

Em 1854 e 1885 estabeleceram-se duas fiações de 50.000 fusos cada uma, fundadas no principio da participação dos operarios nos lucros.

Este facto augmentou o interesse e respeito que já despertavam os cooperadores de Rochdale.

Esperava-se que os operarios obteriam, nas fabricas, vantagens iguaes ás produzidas pelas cooperativas de consume em favor do bem estar domestico e que este facto determinaria consequencias de importancia nas demais cidades. Tambem no continente era esperado com vivo interesse o resultado da experiencia.

Por aquella epocha predominava a opinião de que o operario não podia converter-se em bom patrão. A submissão em que se tem o operario, a vida frugal que é obrigado a levar, na opinião de muitos, deviam fazel-o considerar como um ser de escassas ideias. Acreditava-se que o operario, uma vez convertido em patrão, despresaria os seus antigos companheiros de trabalho e se recusaria a pagar salarios mais elevados.

Tudo isso produzia uma expectativa anciosa

entre os amigos do progresso industrial, temerosos pelo exito das fabricas de Rochdale, organizadas de accordo com o novo systema da participação dos operarios nos lucros da produccão. A esperança, tão legitima, de ver por fim a justiça e a equidade applicadas no mundo da industria, pareceu realizar-se, nos primeiros tempos, mas logo depois, infelizmente, perdeu-se, apesar dos esforços dos cooperadores convictos e sinceros.

As subscrições, para a nova fabrica, foram abertas em toda a cidade. As acções foram adquiridas, em parte por gente que nada entendia de cooperativismo, ou, então, por quem não se preocupava absolutamente com elle, e em parte por verdadeiros inimigos do principio da cooperação. Este estado de coisas determinou que não se conservasse o direito do operario participar dos lucros.

O jornal "London Spectator", em seu numero de 16 de Abril de 1864, publica esta nota: "O systema de participação dos trabalhadores nos lucros foi abandonado, em Rochdale, depois da experiencia".

"Abandonado, depois da experiencia". Fazer crer que o principio fora applicado sem exito, emquanto que o principio morreu antes que se puzesse em execução! Nossos valentes amigos, os Pioneiros, não foram em nada responsaveis pelo abandono do principio; luctaram ardentemente por

conserval-o, mas nada conseguiram. Sua firme vontade se manifestou nas seguintes palavras, publicadas no Almanaque da Sociedade do anno de 1860: “A Sociedade Cooperativa Manufactureira de Rochdale tem por fim assegurar a todos os seus socios os lucros que se obtiverem da inversão do seu capital e do trabalho nas fabricas de algodão e lã e de melhorar a situação domestica e social de todos os seus membros.

“Os lucros annuaes provenientes das operações da Sociedade, depois de pago o juro de 5 % ao capital social, se dividirão entre os socios de accordo com uma percentagem igual, tanto para o capital subscripto como para o trabalho realizado.

“Cada membro, seja qual for o capital subscripto, tem igual direito de voto e influencia”.

Em 1861, o Almanaque dos Pioneiros, em termos claros e precisos, repete a declaração justa e cheia de promessas acima.

Em 1864 os cooperadores publicaram as seguintes palavras, no citado Almanaque: “O objectivo principal dos fundadores desta Sociedade era distribuir com equidade os lucros provenientes da fabrica de algodão e lã. *Os cooperadores estão plenamente convencidos de que todos os que contribuem para crear a riqueza devem participar da sua distribuição.* A Sociedade, porém, não

permaneceu fiel a esse principio, com grande pesar dos seus fundadores”.

Foi em 1860 que inimigo se manifestou pela primeira vez; no mez de Setembro se realizou uma grande reunião para discutir o thema seguinte: “Dar-se-á ou não um premio ao trabalho? “Dados os termos em que se apresentou a proposição, era natural que houvesse lucta.

Naquella reunião, muitos oradores pretenderam que os trabalhadores, recebendo os seus ordenados, não tinham direito a mais coisa alguma. O mesmo argumento linha servido, durante muitos annos para combater a admissão dos compradores na distribuição dos lucros do armazem de consumo.

Argumentava-se deste modo: O comprador recebe mercadorias a troco do seu dinheiro. Que mais se lhe deve dar? E como foram necessarias duas gerações para se comprehender que os compradores contribuem para accumular os lucros do armazem de consumo e que, portanto, têm direito a uma parte desses lucros; assim, tambem entendeu-se que era necessario transcorrer o mesmo tempo, pelo menos, para resolver o problema, muito mais complexo, da divisão equitativa dos lucros da producção entre os que contribuem para essa producção

No grande *meeting* de 1860, os velhos Pioneiros luctaram contra todas as suas forças para con-

servar o principio que confere ao trabalhador o caracter de socio. “E’ dever dos Pioneiros, disse um delles, organizar a industria de accordo com o mesmo principio que rege o armazem de consumo; é seu dever pugnar por que o trabalho tenha tudo quanto lhe corresponde”.

Houve 571 votos contra a participação do trabalho nos lucros e 270 se pronunciaram em favor da conservação do principio. Mas como os estatutos exigiam uma maioria de tres quartas partes dos socios para modificarem os proprios estatutos, o principio do direito do trabalho poude ser conservado.

Entretanto, dois annos mais tarde, o inimigo, reforçado, voltou ao ataque e, no que se refere a Rochdale, alcançou a victoria.

Então divulgou-se a noticia de que a Associação do Trabalho de Rochdale tinha fracassado e, aquelles que a punham duvida, perguntava-se: “Si não fracassou, por que razão se revogou o principio da participação do trabalho nos lucros?”.

Quando os anti-cooperadores, com um voto a mais, supprimiram esse artigo que, afinal de contas, não concedia aos trabalhadores nada mais do que o direito a uma parte dos lucros, houve grande regosijo entre as casas bancarias e manufactureiras, onde os homens, de geração a geração, trabalhavam como bestas e morriam como cães.

O capitalista se sentia feliz, porque era myope e tão injusto como os accionistas retrogradados de Rochdale. Não comprehendia que essa recusa da justiça era fatal a toda a sociedade, porquanto procurava eternizar conflictos que, na primeira occasião, podem produzir graves prejuizos á tranquillidade publica e á ordem social.

Os principaes chefes do movimento contra a participação dos trabalhadores nos lucros, pertenciam á classe dos administradores, pequenos comerciantes e pessoas da mesma especie. O argumento preferido contra o direito dos trabalhadores á participação nos lucros era o de declarar que se tratava de uma “theoria socialista”. Era, por certo, uma “theoria socialista”, mas todos os armazens cooperativos se baseiam na mesma theoria quando entregam os lucros tanto aos compradores como aos capitalistas.

Não obstante isso, a Sociedade cooperativa manufactureira de Rochdale conservou o titulo de “cooperativa”, mesmo depois de abandonar o principio que justificava tal titulo.

“Cooperação” significa reconhecimento dos direitos do operario, não indirectamente e em proporção infinitesimal, hypothetica e abstracta, mas directa, simples, pessoal, absolutamente e de maneira permanente, á posse do producto do seu trabalho.

A cooperação fará triumphar algum dia,

sinão em Rochdale, em outra localidade, a participação do trabalho nos lucros da industria.

Os adherentes da “Trade’s Unions” poderiam dar o exemplo da applicação de semelhante principio. Fal-o-ão, assim que tenham conselheiros sufficientemente sabios para elevar-se acima das questões das greves.

A cooperação tem adquirido hoje, ante os homens de Estado, toda a importancia de um caso politico, devido ás desordens populares que se poderiam produzir si os interesses das classes trabalhadoras não se vinculassem ás crescentes operações do capital.

Mas, não devemos alimentar muitas illusões, numerosos estabelecimentos na Inglaterra e em muitos outros paizes adoptam hoje o titulo de cooperativa sem merecel-o absolutamente.

## CAPITULO DECIMO SEGUNDO

### **Quatro annos criticos — A crise algodoeira.**

Em 1861, quando se declarou a guerra entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, previu-se facilmente a terrivel perturbação industrial que produziria a crise algodoeira. As fabricas dos condados de York e de Lancaster estavam ameaçadas de suspender o trabalho e centenas de milhares de famílias sentiriam falta de trabalho e de pão.

Em taes condições, muitos predisseram que a cooperação naufragaria nessa tempestade.

Aqueles pobres trabalhadores, cujo ganho provinha especialmente das fabricas que estavam a ponto de fechar-se, como poderiam permanecer unidos para sustentar a empresa cooperativa entre as graves difficuldades de uma crise financeira e industrial? Era um problema cuja solução ninguem podia encontrar.

Para ter uma ideia de tudo quanto succedeu então (de 1861 a 1864), entre os Pioneiros, torna-se interessante ler as noticias publicadas por um dos correspondentes do "Times", noticias datadas de Rochdale. No dia 19 de Dezembro o correspondente escrevia:

"De que maneira as classes operarias desocupadas fazem face ás calamidades? A resposta não é facil.

"Onde collocam suas economias as classes operarias, em tempos normaes? Os criterios variam, segundo as cidades. Nalgumas, procuram-se as caixas economicas, noutras as sociedades de construcção ou as de soccorros mutuos Mas; de alguns annos a esta parte, nota-se pronunciada tendencia para inverterem fundos nas sociedades cooperativas. Em Rochdale, onde a cooperação se pratica em larga escala, pode-se affirmar que toda a classe operaria é interessada no movimento cooperativo.

"Aqui existem tres grandes estabelecimentos que respondem ao principio cooperativo: o armazem de consumo, o moinho de trigo e a fabrica de algodão. Estes tres estabelecimentos representam em conjuncto, um capital de 140.000 libras esterlinas.

"Durante o ultimo trimestre, os cooperadores receberam um "retorno" de 2s-4p. por 1 £ de

*compras*, isto é, em lugar de estar sempre endividado com os seus fornecedores, como dantes, o operario conserva para si mesmo o lucro que antes ia parar ás mãos do commerciante.

“Guiando-nos por notas apanhadas no registro do proprio armazem, vemos as vantagens desse svstema.

“Em Setembro de 1854, um socio tinha um credito de 7 £-8s.-4p. Durante oito annos seguidos comprou no armazem cooperativo os artigos de vestuario e os alimentos necessarios para elle e sua familia. Em todo esse tempo, nem uma só vez fez deposito de fundos para augmentar o seu capital, sinão que, ao contrario disso, em varias occasiões retirou fundos que alcançavam á cifra global de noventa libras esterlinas. Não obstante isso, em fins do ultimo trimestre, o socio tinha uma sobra de 50 libras no haver de sua conta!

“Portanto, os retornos correspondentes ás compras, além dos juros, lhe haviam produzido um capital de 140 libras esterlinas, isto é, mais de 16 libras annuaes.

“Calculando por approximação: Si este chefe de familia tivesse comprado em outra parte a roupa e os artigos de alimentação, teria gasto 10 % mais e, no fim deste periodo, se encontraria com uma divida nunca inferior a 5 libras.

“E’ lógico, portanto, que, graças a essas condições, o numero de cooperadores e os negocios cres-

çam rapidamente e que as classes operarias sintam o desejo de fundar, em toda a parte, instituições semelhantes.

“Graças ás proporções que adquirem as sociedades cooperativas, o capital augmenta com tal rapidez que é necessario pensar nos meios de invertel-o. Construiu-se, primeiro, um moinho de trigo que funciona ha nove annos. Este moinho produziu, em 1861, um lucro de 10.000 libras esterlinas. O armazem dos Pioneiros subscreveu nelle 9.000 libras.

“Depois do feliz exito desta industria, os co-operadores se transformaram em empresarios e iniciaram uma experiencia que a simples vista me parece aleatoria. Conceberam a ideia de associar o capital e o trabalho, sendo eles proprios os patrões e repartindo entre si o produto do trabalho”.

Nunca se escreveu, sob o ponto de vista pratico e economico, uma nota mais expressiva sobre o cooperativismo.

“Em seu começo, continúa o correspondente do “Times”, o movimento cooperativista encontrou grande opposição de parte daquelles que julgavam ver nelle uma applicação communista ou socialista. Mas os effeitos do systema sobre o character e a situação das classes operarias se manifestaram em breve tão importantes que os mais

egoistas foram obrigados a declarar-se vencidos. Na actualidade, os proprietarios de fabricas preferem os operarios cooperadores a todos os demais. Seus habitos de ajuda mutua, de prudencia, de ordem, os collocam em situação superior á dos operarios communs. As economias que têm feito os deixam, sem duvida, em situação de supportar as desgraças da vida melhor do que os seus companheiros não cooperadores”.

Demonstraremos, agora, com algarismos, como o armazem Rochdale resistiu á crise industrial que durou quatro annos

Em 1861, epocha em que se produziu o panico, as vendas annuaes, a dinheiro, alcançaram no armazem a 176.000 libras esterlinas.

Quatro annos depois, em 1865, as vendas chegaram a 196.000 libras. O capital, em 1861, era de 42.000 libras; em 1865, de 78.000 libras.

Em 1861 os socios eram em numero de 3.900; quatro annos depois attingiam a 5.300. Isso demonstra que a Sociedade cooperativa era considerada porto seguro durante a tempestade.

Em 1862, o *Comite* de soccorros da Sociedade dos Probos Pioneiros não tivera ainda necessidade de intervir em favor rias familias sem trabalho.

No mesmo anno os Pioneiros construíram em Bluet Pits um novo armazem que custou 700 libras.

Em 1863 construíram um matadouro, um açougue e estabulos que custaram, ao todo, 1.000 libras;

em seguida, um novo armazem. em Pinfold, que custou 800 libras.

Um anno mais tarde, estabeleceram, em Sportland Bridge, um armazem que importou em 1.500 libras e outro em Oldham Road, por 1.700 libras.

E ainda não é tudo; os Pioneiros emprehen-deram trabalhos especiaes em “Toad Lane”, com fim de levantar um grande armazem central.

Durante os quatro annos da “carestia do algodão”, os Pioneiros inverteram 750 libras em soccoros a pessoas necessitadas e se entregaram a obras de caridade. Por ultimo, no mesmo periodo, destinaram 1.840 libras á educação geral dos socios.

Em 1862, a crise algodoeira attingiu ao seu ponto culminante. Duas terças partes dos operarios de Rochdale estavam em absoluta falta de trabalho. A maior parte das fabricas estavam fechadas e o povo era obrigado a viver quasi exclusivamente de suas economias. Naquelle anno o numero de socios diminuiu de 500 e o capital social foi affectado, tambem, por um decrescimo de 4.500 libras estenlinas. Não obstante isso, os lucros attingiram, ainda, a 17.000 libras, podendo, assim, fazer frente á tempestade em que se julgava que ella desapareceria e, além disso, soccorrer os operarios sem trabalho não vinculados á co-  
operação.

As sociedades manufactureiras cooperativas,

durante a crise algodoeira, não reduziram nenhum salario; ao contrario, o trabalho, naquellas fabricas, foi mais activo do que em qualquer outra.

E' conveniente recordar que naquelle periodo doloroso, o Almanaque da Sociedade publicava os conselhos seguintes:

1º. — “Gastae vossas economias sómente em coisas de absoluta necessidade. Evitae todo e qualquer outro gasto.

2º. — “Tocae em vossas economias com parcimonia.

3º. — “Empregae o tempo que vos sobra, depois do trabalho, em favor do vosso progresso intellectual, pois para isso foram creadas as nossas bibliothecas e nossas salas de leitura.

4º. — “Fazei o possivel para salvar nosso ideal, sabendo esperar com paciencia dias melhores”.

E os cooperadores esperaram. Nenhum agitador publico os poude envolver e ligar a qualquer movimento com o fim de coagir as autoridades a intervirem em favor do Sul, na guerra da America, visando conseguir algodão para os condados de York e Lancaster.

Uma manifestação politica que durasse uma semana teria bastado, então, para inclinar a ba-

lança em prejuizo do escravo. O silencio efficaz e generoso observado naquella occasião pelos operarios inglezes fez com que a Nação se pudesse orgulhar dos seus trabalhadores. Tal conducta se recommendava “aos cooperadores de Rochdale e á Nação”. Foi aquella a unica occasião em que os Pioneiros fizeram uso do seu legitimo direito de falar ao mundo exterior.

## CAPITULO DECIMO TERCEIRO

### **Vendas por atacado. — Succursaes e armazens centraes**

Em 1852 os armazens da Sociedade dos Probos Pioneiros compreendiam seis secções: drogaria, açougue, mercearia, chapelaria, sapataria e alfaiataria.

Cada secção tinha sua contabilidade especial; um balancete trimestral trazia ao corrente do estado de toda a casa.

Foi por essa epocha que se resolveu completar os serviços, organizando a venda por atacado. Os fins eram satisfazer os desejos de uma classe especial de compradores e auxiliar os armazens cooperativos de Lancashire e de Yorkshire, os quaes, não dispondo de capital sufficiente, não podiam fazer compras em boas condições e, além disso, não estavam em situação de ter ao seu serviço um “bom comprador tecnico que conhe-

cesse bem os mercados e os negocios e soubesse onde e como fazer boas acquisições.

A secção para a venda por atacado devia garantir a pureza, qualidade, preço modico, peso exacto e medida justa das mercadorias. Devia funcionar conforme o principio irvariavel de pagar a dinheiro.

Esta seccão teve de vencer muitas difficuldades e talvez tivesse sido abandonada desde o começo, si não se tivesse collocado sob a protecção de um acto do “Parlamento”, acto que, naturalmente, não podia ser modificado com facilidade. Transcrevemos alguns trechos desse acto, que ficou sendo conhecido por “Lei dos Pioneiros”.

1º. — As operações da Sociedade se dividem em duas grandes secções: a venda por atacado e a venda a varejo.

2º. — A venda por atacado tem por fim prover as cooperativas associadas de mercadorias em grandes quantidades.

3º. — Esta secção será dirigida por um Comité de oito pessôas e por tres commissarios da Sociedade. Esses membros devem reunir-se todas as quartas-feiras ás 7,30 da noite; fiscalizarão as compras das mercadorias que a Directoria resolver adquirir. O *Comité* será nomeado nas reuniões semestraes de Abril e Outubro. Cada anno revezam-se por turno, quatro membros.

4% — A secção pagará ao capital um juro de 5%.

Dos lucros produzidos pela venda por atacado se deduzem, em primeiro lugar, as despesas de administração, compreendendo os juros citados; os lucros restantes se dividem em tres partes: uma se destina ao fundo de reserva, para fazer frente a perdas eventuaes e as demais se dividem entre as sociedades e os membros, proporcionalanente ás compras effectuadas cada anno.

Assignado: Cockroft. Abrahão Greenwood; William Cooper; Jayme Smithies, secretario”.

O senhor Lloyd Jones um dos chefes do movimento cooperativista na Inglaterra, contribuiu muito para a organização da venda por atacado em Rochdale. Recolher o capital necessario para esta nova e consideravel empresa, constituiu, naturalmente, um dos assumptos mais difficeis.

Entre as sociedades cooperativas de Lancashire e Yorkshire que deviam usufruir da instituição, da secção de venda por atacado, algumas estavam dispostas a contribuir em partes proporcionaes, outras objectavam que o seu capital apenas bastava para dar vida ás suas proprias operações; por ultimo, algumas, fundando-se numa prudencia verdadeiramente retrógrada, queriam observar, primeiro, como se desenvolveriam as operações, reservando-se o direito de dar a sua adheção depois que a experiencia desse resultado.

Em certos casos, essa providencia é muito louvavel, mas si todos assim procedessem, nenhum progresso se poderia realizar!

Graças á sua energia habitual, os Pioneiros assumiram a execução da iniciativa e como havia tendencia para confiar nas empresas organizadas pelos cooperadores de Rochdale, novos acolythos, imitando os Pioneiros, entraram com fundos para organizar a venda por atacado. Apesar de tudo, a maior parte do capital foi fornecido pela Sociedade de Rochdale.

Não obstante as difficuldades do começo, a secção, já nos primeiros trimestres, poude não sómente pagar os juros do capital social, mas effectuar a distribuição de lucros aos compradores.

Infelizmente, porém, depois de certo tempo, o cancro de todos os movimentos sociaes, a inveja, conseguiu desenvolver-se, na nova empresa.

Os armazens que se proviam na secção de venda por atacado, julgaram que a Sociedade dos Probos Pioneiros os explorava; por outro lado, numerosos membros da Sociedade dos Pioneiros eram de opinião que se outorgavam aos outros armazens privilegios em prejuizo dos seus prprios interesses.

A marcha dos negocios se resentiu grandemente dessas dissenções intestinas.

A venda por atacado, estabelecida em 1853, durou até 1858; nessa data foi suspensa e aban-

donada definitivamente em 1859. Mas a instituição era tão necessaria, que deu thema a novos estudos.

Como veremos adiante, os elementos para a solução do problema appareceram pouco a pouco, mesmo em Bochdale, durante o desenvolvimento das operações cooperativas.

Já em 1856 o armazem de “Toad Lane” era insufficiente para attender ás necessidades do grande numero de adherentes que a Sociedade contava por aquella epocha. Alguns cooperadores tinham laucado a ideia de estabelecer, em differentes pontos da cidade, succursaes que estariam mais proximas de suas casas do que o armazem primitivo.

Suscitaram-se discussões muito vivas para determinar onde se fundaria a primeira succursal. Os socios do arrabalde de Castleton tinham redigido uma petição, que trazia grande numero de firmas e a apresentaram na assembleia trimestral de Junho de 1856. A proposta foi immediatamente approvada, pois que os proprios solicitantes se apresentaram em grande numero, para sustental-a e fazel-a trimnphar com os seus votos.

Da mesma maneira se inauguraram successivamente quasi todas as succurses.

Em 1859, quando se abandonou a venda por atacado, a Sociedade dos Pioneiros contava seis succursaes e o movimento das operações era de

tal importancia que era facil prever como o numero dessas succursaes augmentaria de anno para anno.

Essas succursaes, vinculadas entre si por uma administração unica, constituíam verdadeiras dependencias do estabelecimento principal, conhecido sob o nome de armazem central

A instituição das succursaes prestou grandes serviços aos cooperadores e é incontestavel que o seu estabelecimento foi uma das principaes causas dos progressos rapidos e segures da Sociedade.

As relações entre as filiaes e o armazem central eram organizadas da maneira mais simples. O chefe da casa filial escrevia a lista dos artigos de que precisava, servindo-se de um formulario apropriado e enviava essa lista ao armazem central. Ao receber esses pedidos, o director dava ordens pertinentes para que se enviassem immediatamente os artigos solicitados.

A organização dos apparatus administrativos entre o armazem central e suas filiaes serviu de base ás ideias do sr. Greenwood, um dos membros da Sociedade de Rochdale, para attahir de novo (em 1863) a attenção dos cooperadores para a utilidade de estabelecer, em favor de todos os armazens cooperativos do Norte da Inglaterra, uma vasta sociedade para a venda em atacado.

A' interferencia do sr. Greenwood se devera a

salvação e prosperidade da Sociedade do Moinho. Tinha estudado minuciosamente os esforços effectuados anteriormente para conseguir a venda por atacado e conhecia as causas de fracasso das primeiras tentativas.

Outra tentativa analoga tivera lugar em Londres, em 1850, mas tambem sem exito. O sr. Greenwood explicava o succedido pelo facto de não existir, então, na Inglaterra, numero sufficiente de armazens cooperativos para dar vida á instituição. Achava, tambem que, em 1853, não havia numero suificiente para sustentar a venda por atacado em Rochdale e esta causa, unida ás discussões provocadas pela inveja, tinham determinado o fracasso inevitavel da Secção.

Na sua opinião, tanto em 1850 como em 1853, a inauguração da venda por atacado linha sido um passo demasiado arriscado na evolução do movimento cooperativo.

Em 1863 outro era, já, o estado de coisas. Nesta data o Reino Unido contava 500 armazens cooperativos. Fundando-se, por um lado, em taes dados e tendo, além disso, o exemplo flagrante das relações entre o armazem central de Rochdale e suas succursaes, o senhor Greenwood fundou a sociedade conhecida hoje universalmente sob o titulo de “Sociedade cooperativa do Norte da Inglaterra para a venda por atacado” ou, melhor “Grande

Associação de Manchester para a venda por atacado” (Wholesale). (1)

A Sociedade paga ás acções um juro fixo annual de 5 %, como remuneração unica; os lucros restantes, reduzidos os gastos de administração e postos de parte a quota de reserva e o fundo de desvalorização das mercadorias, são distribuidos entre os armazens de venda a varejo, proporcionalmente ás compras feitas por cada um.

Aos armazens que não fazem parte da federação é restituída apenas metade das economias.

Os livros da citada Sociedade de Manchester para a venda por atacado consignam a declaração seguinte:

"O sr. Abrahão Greenwood, de Rochdale, deve ser considerado como fundador principal da Sociedade cooperativa para a venda por atacado, da qual sempre foi presidente. O plano por elle proposto, levemente modificado, constitue a base da admiravel organização actual”.

Consta que, durante o periodo de formação da Sociedade, eram regularmente enviados delegados de Rochdale para fazerem parte das reuniões preparatorias e tambem para discutir.

Portanto, havia ainda em Rochdale certo numero de cooperadores contrarios á ideia de fundar

---

(1) Hoje a maior cooperativa industrial do mundo (N. do T.)

uma cooperativa para a venda por atacado; eram quasi todos socios novos. Ainda que sua influencia não fosse sufficiente para impedir que a Sociedade adquirisse acções da nova instituição, procuravam, entretanto, todos os meios de impedir o desenvolvimento do armazem por atacado. Semelhante conducta se fez notar tanto mais quanto maior era o auxilio que se esperava dos cooperadores de Rochdale.

A influencia exercida então pelos Pioneiros era tão grande que a Sociedade para a venda por atacado esperava encontrar os funcionarios de que precisava entre os proprios Pioneiros.

O senhor Samuel Ashworth, director do Armazem Central de Rochdale, foi convidado para assumir a direcção dos negocios da Sociedade de Manchester. Elle, porém, declarou que sómente deixaria Rochdale si o *Comité* da Sociedade de Manchester lhe garantisse restabelecel-o no seu posto primitivo, caso a Sociedade da venda por atacado fracassasse. Como não se lhe deu tal garantia, postergou sua renuncia, que sómente se realizou alguns mezes depois. Isso foi em 1864.

Mesmo cedendo homens e invertendo capital nas empresas cooperativas que se estabeleciam nas proximidades da Sociedade, os Probos Pioneiros de Rochdale, viam desenvolver-se e augmentar dia a dia o campo de suas operações.

Em 1867, o armazem central já era absolutamente insuficiente. Decidia-se construir novo edificio, com planos melhor estudados.

Esta construccão é situada na esquina de Porta Santa Maria com Toad Lane; tem grande extensão sobre ambas as ruas e domina todas as casas da cidade. Os porões servem de deposito dos artigos. No andar terreo se encontram os differentes salões de venda. Nos outros andares estão os escriptorios, os salões de reuniões dos comites, as salas de espera, a bibliotheca e o salão de leitura de jornaes; este ultimo é mobiliado com muita decencia.

Um immenso salão de reuniões occupa todo o ultimo andar. Este salão tem capacidade para 1.400 pessoas sentadas; muitas vezes tem contido 2.000 e mais ainda. Das suas janellas se domina com a vista toda, a cidade.

Falou-se, tambem, em estabelecer, ao alto do edificio, um observatorio e colocar poderosos telescopios.

A inauguração desse novo armazem, que teve lugar em Setembro de 1867, deu occasião a uma verdadeira festa. Depois do banquete, que se serviu no proprio armazem, os cooperadores foram ao Theatro Real de Rochdale, onde se pronunciaram varios discursos. A Assembleia foi presidida pelo acaide, sr. Robinson.

O sr. John Brigh, membro do Parlamento, impossibilitado de assistir pessoalmente excusou-se numa carta muito gentil. O conde Rusell, Lord Stanley, os srs. Goldwin Smith, T. H. Potter, membro do Parlamento, o sr. Jacob Brigh e outros, enviaram á Sociedade suas felicitações.

Os srs. Thomaz Hughes e Walter Morisson, ambos membros de Parlamento, o sr. Eduardo Vansittal Neale, o sr. Greening, o reverendo Molesworth, o reverendo Freeston e Holyoake, autor de presente historia, foram os oradores.

Vinte e tres annos antes, os cooperadores tinham iniciado a sua humilde e insegura carreira em Rochdale e aquelle dia, 28 de Setembro de 1867, se consagrava solememente, reconhecendo a sua influencia publica. Os cooperadores de Rochdale constituíam a maior corporação daquelles tempos.

O reverendo M. Molesworth disse que, na sua maneira de ver, aquella festa se revestia de uma importancia européa; pois que, desde que a opinião publica acceitara os principios dos Probos Pioneiros, a cooperação se tinha diffundido rapidamente no continente. Accrescentou que *todos os verdadeiros crentes do principio cooperativo voltavam os olhos para Rochdale como a cidade santa da cooperação.*

O senhor John Brierley, secretario, leu uma informação que terminava com estas palavras:

“Em 1855, por iniciativa dos socios do Armazem de Toad Lane, estabeleceu-se nesta cidade uma fabrica cooperativa de tecidos. Seus fins eram dividir os lucros obtidos entre o capital e o trabalho. Esta Sociedade progrediu nos primeiros annos, mas os socios capitalistas foram de opinião que os trabalhadores recebiam demasiados beneficios e fizeram supprimir a parte correspondente ao trabalho (*vozes de indignação*). Nós esperamos ver reconhecido esse direito dentro de pouco tempo (*muito o bem!*) e os principios da cooperação completamente desenvolvidos, pois estamos convencidos de que encerram incalculaveis beneficios para a humanidade”.

O sr. Hughs tomou nota destas palavras, em signal de que faria esforços para realizar a parte caracteristica de uma verdadeira fabrica cooperativa, isto é, o direito do trabalhador participar dos lucros.

Os cooperadores, que até então nunca tinham tido tantos hospedes, nem semelhante distincção, não se mostraram tão habéis nas disposições da festa como o foram nas operações commerciaes; entretanto, tudo transcorreu na maior cordialidade.

Depois da reunião do theatro, os convidados passaram a noite no Armazem central; houve um baile no grande salão das reuniões.

Antes de terminar a narração do desenvolvimento da Sociedade de Rochdale, declararemos

que uma das sociedades inglezas a que os Pioneiros se consideravam mais vinculados pela gratidão era a “Sociedade defensora pró progresso das associações entre os trabalhadores”.

Os Pioneiros declararam que esta Sociedade prestara os mais relevantes serviços á causa da co-  
operação, diffundindo no paiz as informações mais uteis, fazendo rever pelo Parlamento as leis que podiam affectar o movimento cooperativista e votar disposições adequadas para garantir liberdade e segurança a quem se propuzesse iniciar empresas cooperativas.

Entre as notabilidades que se destacaram nessa obra civilizadora e de progresso, citam-se Eduardo Vansittart Neale, Carlos Kingsley, Furnival, Ludlow e outros

(Distinguiu-se, de maneira singular, o autor da narração, G. J. Holyoake) (N. do T. para o hespanhol).



Ministério da Agricultura  
Secretaria-Geral  
BINAGRI — Biblioteca Nacional de Agricultura



PROJETO PNUD/FAO/BRA/7/020  
SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO  
E DOCUMENTAÇÃO AGRÍCOLA



## CAPITULO DECIMO QUARTO

### **Instituições de Soccorros Mutuos**

Além das operações commerciaes, a Sociedade dos Pobros Pioneiros estabeleceu, em favor dos seus socios, varias instituições, entre as quaes citaremos a “Sociedade de previdencia para casos de enfermidade e de soccorros para funeraes”. Esta sociedade foi fundada em 1860. Sua finalidade vae indicada no proprio titulo; proporciona pensões aos socios doentes e auxilia os funeraes. Podem fazer parte da Sociedade sómente os Pioneiros e suas familias. Mas aqueles que deixam de ser socios da Sociedade de Rochdale continuam a fazer parte da Sociedade de Previdencia.

Outra instituição que merece referencia especial é a da "sociedade para a construcção de casas economicas”

Em quasi todos os paizes o progresso é fructo, geralmente, da miseria, visto que si não houver

um impulso especial, muito difficil será que o crie a razão, pelos seus proprios recursos. A Sociedade para a construcção de casas economicas estava sujeita á lei geral.

Um dos fundadores conta que uma pessoa, ao mesmo tempo commerciante e proprietario, tinha alugado algumas casas de sua propriedade a cooperadores. Pois bem, num momento de máu humor esse proprietario pensou que, como os seus inquilinos recebiam "retornos" pelas suas compras, elle tambem devia ter a sua parte e, por isso, augmentou o aluguel de 3 *pence* semanaes.

Esse modo de proceder teve a consequencia immediata de fazer surgir entre os cooperadores a decisão de evitar o perigo de que se repetissem factos semelhantes. Fundaram immediatamente uma Sociedade com o fim de comprar terrenos e construir casas para os socios.

Os estatutos facultavam poderes á Junta Directora para comprar ou vender casas, fabricas, officinas.

Trinta e seis casas foram construidas em 1867. O terreno possuido então pela Sociedade foi totalmente occupado. Essas construcções, em geral, representavam verdadeiro progresso architectonico, em face das que existiam.

A proposito, o jornal "Irish Times", em 1868, publicou a seguinte nota:

"O capital de que dispõe a Sociedade dos

Probos Pioneiros é tão consideravel e augmenta com tal rapidez que os directores estão invertendo, actualmente, 10.000 libras esterlinas a titulo de experiencia, na construcção de casas para os trabalhadores. Para tal fim comprou uma propriedade nos arredores de Rochdale”.

O “Irish Times” obteve esses dados no Almanaque das sociedades, porque os almanaques annuaes eram o unico relatorio, a unica historia dos Pioneiros.

A inversão dos saldos das operações na construcção de vivendas para os socios é um traço caracteristico da cooperação ingleza de consumo. O exemplo dos Probos Pioneiros foi imitado por muitas sociedades. Lembramo-nos no momento, da experiencia de Halifax. Ha alli uma Sociedade de consumo que abrange, em suas proporções, quasi todos os artigos de que precisa uma familia. Fechou um contracto com um industrial, o sr. Akroyd, segundo o qual proporciona aos seus socios os meios de “economisar uma casa, sobre os seus consumos” O senhor Akroyd vende o terreno, a Sociedade adianta os fundos para a aquisição e construcção das casinhas e os reembolsa procedendo a um desconto sobre as economias annuaes dos socios. Tem-se calculado que uma familia de operarios, constituída pelo marido, a esposa e quatro filhos consome, em em regra, o sufficiente para fazer-se proprietario

de uma bella casinha, aos quatorze annos. Este systema, tão engenhoso, não pode dar resultado sinão quando a Sociedade se dedica ao maior numero possivel de artigos de consumo. Com effeito, a Sociedade de Halifax tem de tudo: pão, carne, especiarias, cerveja, fructas, roupa, moveis, até joias e livros. “Um consumo, escreve Ludlow, que leva á propriedade, immobiliaria, “casas que se adquirem comendo”, é preciso confessar, um verdadeiro paradoxo economico que Adão Smith e Way não tinha previsto, por certo (N. do T. para o hespanhol).

## CAPITULO DECIMO QUINTO

# A Secção de Educação

Os Probos Pioneiros costumavam reunir-se á noite, depois do trabalho, nos fundos do velho armazem, para trocarem ideias sobre as operações da Sociedade e communicarem-se as novidades da semana. As discussões, que tinham lugar no “Armazem dos velhos tecelões”, como o chamavam os "doffers” eram muito frequentes e giravam em torno do bem estar dos homens, da redempção social e da suppressão das condições iniquas que então eram impostas aos trabalhadores.

Em 1849 a Sociedade dos Pioneiros pensou em organizar a secção de educação. Foi designada uma junta directora, encarregada de recolher as doações de livros que os socios quizessem fazer á Sociedade. Alguns socios doaram generosamente volumes de valor, pois declaravam: “Ainda que offereçamos nossos livros, não deixamos por isso

de utilzal-os, pois que os encontramos sempre que o desejarmos na bibliotheca do Armazem”.

Pouco tempo depois, a fim de satisfazer os pedidos dos socios, a Sociedade votou uma doação de cinco libras esterlinas para fomento da bibliotheca. Esta bibliotheca se abria para todos uma vez por semana, aos sabbados de noite, das sete ás nove. Para ter accesso á sala dos jornaes, pagava-se *um penny* por mez.

Como o numero de livros disponiveis se tornou bem depressa insufficiente para satisfazer os numerosos pedidos dos socios, a assembleia votou uma segunda verba de cinco libras, que repetiu tres mezes depois.

Mas as necessidades se faziam cada vez mais evidentes e a Junta acabou por conceber o projecto de requerer, na primeira assembleia trimestral, um subsidio de quarenta libras esterlinas.

As dotações anteriores tinham provocado alguns protestos e contrariedades de parte de alguns cooperadores; portanto, a junta teve de usar de certa diplomacia para desarmar a opposição ante esse novo pedido de fundos excepcionalmente elevado e teve a habilidade de induzir o opposionista mais encarniçado a reservar-se a honra de propor aos companheiros que assignassem quarenta libras á Junta da Secção de Educação.

**A bibliotheca continuou merecendo a maior atenção de parte dos socios. Em 1853, ao serem revistos os estatutos, o sr. John Brierley, um dos socios mais antigos, propoz que se dedicassem á educação 2 ½ % dos lucros.**

A proposta foi approvada e, assim, depois de certo tempo, as rendas da secção permittiram que se custeasse a despeza de professores para o ensino, com grande beneficio para os cooperadores e suas familias.

Em 1850 foi inaugurada uma escola para creanças, cuja quota-contribuição era apenas de *2 pence por mez*.

Em 1855, abriu-se uma sala para as pessoas, entre quatorze e quarenta annos, que desejassem reunir-se para se instruirem mutuamente.

**Em principio de 1858, a bibliotheca possuia mil e quatrocentos volumes e a junta avisava os socios de que a sala dos jornaes se abriria, de então em diante, gratuitamente, para todos os Probos Pioneiros. Em fins do mesmo anno, o numero de volumes subia a dois mil e se deliberava sobre a conveniencia de abrir a bibliotheca tambem ás quartas-feiras, nas mesmas condições em que aos sabbados.**

Em 1859, os volumes attingiam a dois mil e duzentos; e em 1860 a tres mil.

Em 1862, o “Almanaque da Sociedade”, impresso em ouro sobre fundo azul, consagrava um

longo capitulo á “Secção da Educação”. Dizia que a bibliotheca possuia cinco mil volumes, a maior parte de grande valor e que a sala de leitura recebia quatorze jornaes e trinta e dois periodicos, entre semanarios, mensarios e publicações trimestraes. Os jornaes pertenciam a todas as opiniões politicas e religiosas; nesse ponto os cooperadores timbraram em evitar que se os accuzasse de intransigencia e de mesquinhez.

Não imitavam esses timidos que se assustam ao verem as coisas julgadas de diferentes pontos de vista e que vivem sem olhar bem de frente a verdade, a tal ponto que quando a encontram em seu caminho não estão em condições de conhecê-la.

Os socios têm o direito de fazer uso de oculos, atlas, estereoscopios, microscopios e telescopio, que podem, mesmo, ser levados a domicilio, pagando uma pequena quota.

Em fins de 1862 as horas destinadas á distribuição de livros se tornaram novamente insufficientes e a Junta teve necessidade de contractar um empregado especial para isso. Esse homem, que era encadernador, teve a incumbencia de distribuir os livros, manter a bibliotheca em ordem e attender á assignatura de jornaes. Ficou estabelecido que a bibliotheca se manteria aberta sete horas por dia.

Em 1864 foram abertas outras salas de leitura; em 1867 a bibliotheca tinha seis mil volumes e

dez salas de leitura disseminadas por diferentes arrabaldes da cidade; em 1869 os volumes chegavam a sete mil e as salas de leitura a onze.

**A Junta publicou; então, um catalogo da bibliotheca com indicações muito uteis. Os volumes se classificavam segundo: 1.º a indicação dos titulos; 2.º, o assumpto; 3.º, o nome dos autores.**

**Desse modo, si de um determinado livro sómente se conhece o titulo, é facil encontral-o no catalogo alphabetico. Si se deseja saber quaes as obras que existem na bibliotheca sobre tal assumpto, consulta-se o catalogo na parte classificada por materias. Por ultimo, si se tem predilecção por um autor, o catalogo apresenta a lista dos trabalhos por elle publicados que se encontram na bibliotheca.**

O catagolo, de que se tiraram sete mil exemplares, custava 1 s.-2p- por exemplar, sendo vendido aos socios, porém, a *oito pence*.

Actualmente, os catalogos se distribuem gratuitamente aos socios.

Em 1870 a blibliotheca possuia nove mil volumes; em 1875, onze mil; em 1876, doze mil, etc.

Além da instrucção proporcionada pelas escolas, a bibliotheca, as salas de leitura e os jornaes, a Junta organizou conferencias sobre interessantes themas scientificos. Essas conferencias se realizavam num dos salões da cidade, emquanto a

Sociedade não pode dispôr de um salão para essas reuniões.

Quando a Sociedade teve a sala propria para as assembleias, a Junta de educação, durante os mezes de inverno, 1870 a 1873, instituiu uma serie de conferencias gratuitas para o publico.

Em 1873, a Junta resolveu pôr-se em comunicação com a secção de artes e sciencias de South Kensington, de Londres, comunicação que permittiu á sociedade usufruir das “becas de estudo”, estabelecidas pelo governo em favor dos estudantes pobres que seguem determinados cursos e demonstram sua intelligencia fazendo os exames com feliz exito.

Professores competentes ensinam as seguintes materias nas escolas da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale; mathematicas, desenho geometrico e mecanico, theoria da mechanica, physiologia, botanica, magnetismo, electricidade, chimica inorganica, desenho linear e ornamental, geometria e perspectiva, physica, som, luz, calor, idioma francez.

Os filhos dos cooperadores homens e mulheres, que desejam desenvolver suas faculdades intellectuaes, podem fazel-o indo ás escolas.

De 1857 a 1877, isto é, num periodo de vinte annos, a despeza total com a compra de livros para a bibliotheca attingiu a 2.600 libras esterlinas, o que significa uma média de 4s-5p. por volume.

O senhor Cooper, um dos famosos vinte e oito pioneiros, emite sobre esse assumpto sua opinião, que reproduzimos, achando que melhor não poderia terminar esta historia:

“Si a intelligencia, de facto, faltou em Brighouse, sou de opinião que alli, como em muitas sociedades, foram commettidos muitos erros. Onde faltam as salas de leitura, as bibliothecas e os meios de instrucção, é de esperar-se que não se encontre o operario “intelligente”. Este procurará satisfazer as suas aspirações e os seus gostos noutra parte. A experiencia ensina que si a Sociedade cooperativa estabelece previdentemente a sala de instrucção, attrahe fatalmente aquelles que têm necessidade de alimentar o seu espirito.

As escolas, as bibliothecas e as salas de leitura de Rochdale, Oldham, Bury e de outras cidades têm unido um numero muito grande de homens que não se teriam associado pela unica ambição do dividendo annual, ainda mesmo, como é natural, sendo esse “retorno” tão apreciado pela maior parte dos trabalhadores e suas familias”.

# INDICE

Prefacio.....	5
Capitulo Primeiro.	
Origem e fins da Sociedade.....	11
Capitulo Segundo.	
Inauguração do Armazem Cooperativo .....	24
Capitulo Terceiro	
Distribuição de lucros em proporção ás compras	31
Capitulo Quarto.	
Primeiros progressos do Armazem.....	35
Capitulo Quinto.	
Regulamento da Sociedade.....	41
Capitulo Sexto.	
Vãos conatos do espirito sectario.....	48
Capitulo Sétimo.	
Os membros da opposição.....	51
Capitulo Oitavo.	
Panico da Sociedade dos Moinhos.....	58
Capitulo Nono.	
Aspectos moraes da cooperação.....	69
Capitulo Decimo.	
Os celebres vinte e oito.....	78
Capitulo Decimo Primeiro.	
Interrupção na estrada do progresso. O direito do tra- balho na divisão dos lucos .....	83
Capitulo Decimo Segundo.	
Quatro annos criticos – A crise algodoeira.....	91
Capitulo Decimo Terceiro.	
Vendas por atacado – Succursaes e armazéns centraes	99
Capitulo Decimo Quarto.	
Instituições de Socorros Mútuos.....	112
Capitulo Decimo Quinto.	
A Secção de Educação.....	116



Ministério da Agricultura  
Secretaria-Geral  
BINAGRI — Biblioteca Nacional de Agricultura



PROJETO PNUD/FAO/BRA/7/8020  
SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO  
E DOCUMENTAÇÃO AGRÍCOLA

DOCUMENTO  
DOCUMENT

**FIM**

**END OF THE DOCUMENT**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)